



Rilvan Batista de Santana

Casas Mal-assombradas

ANO 2015

E-book



## **Apresentação**

Este livro em forma de e-book sistematiza e reúne os meus textos de ficção espiritual, sobrenatural. São 11 histórias de casas mal-assombradas, circunstâncias surreais e espíritos maus e não evoluídos. Essas histórias não possuem encadeamento lógico, racional, são coisas da imaginação, histórias de ouvir dizer, credices populares, portanto, faz-se necessário esclarecer que esses textos não são psicografados.

Além desses textos, foram incluídos outros de cunho afetivo no final do livro, acredito que não destoarão do objetivo principal: eufemizar as histórias do além em linguagem cotidiana.

O projeto inicial seria escrever um livro em que as personagens principais, desencarnadas, passassem por um processo de evolução espiritual e reencarnadas cumprissem sua missão, todavia, há tantas narrativas boas, escritas por pessoas que conhecem como ninguém o assunto, que a minha história não alcançaria nenhum patamar.

Por outro lado, sou convencido que a história curta terá mais espaço no mundo virtual, em que as informações são cada vez mais instantâneas e, as pessoas estão cada vez mais atribuladas, sem tempo, a história sucinta é que conta.

Todos os contos estão registrados no Creative Commons.

O autor

## ÍNDICE

- 1) A casa de espíritos “X”
- 2) Alf, o demônio
- 3) Alf, o demônio (II)
- 4) Cemitério “X”
- 5) Chat mal-assombrado
- 6) Maria Clara
- 7) Noite de terror
- 8) O fantasma de Nancy
- 9) O Cadáver
- 10) O fantasma da moto
- 11) O fantasma
- 12) O pesadelo
- 13) Réquiem
- 14) Superstição
- 15) A cobra e a minhoca
- 16) A cobra e o teiú
- 17) Franga Saradona
- 18) Eutanásia
- 19) Diálogo de esqueletas
- 20) D. Morte
- 21) Deus não existe
- 22) O desespero do diabo
- 23) O império do diabo
- 24) Mãe Anastácia
- 25) O ateu
- 26) O homem rato
- 27) A queima de Judas
- 28) Suor, cacau e sangue
- 29) João Victor
- 30) A lagartixa de João Victor
- 31) João Victor e o mundo encantado

## **A casa de espíritos “Xis”**

**R. Santana**

Depois de aposentado, viúvo, filhos criados, ateu, sou ainda rijo para não me acomodar, comprei uma fazenda de cacau para os lados de Pau Brasil no Sul da Bahia. Não o fiz com intuito de investimento, gerar mais riqueza, mas com o desejo de sair do sedentarismo da cidade grande e gozar melhor qualidade de vida no campo. Eu imaginei que uma fazenda fosse o melhor lugar para descarregar o estresse de 35 anos de lides jurídicas como advogado criminalista, o que não foi verdade.

A fazenda “Mata Atlântica” fica no sopé de uma serra, embaixo, um extensivo vale que facilitou cabrocar a terra para o plantio do cacau e cortada por ribeirões. A água para abastecimento da sede foi encanada de um minador que fica num outeiro, o antigo proprietário ainda fez uma grande represa para aproveitar esse manancial perene. A “Mata Atlântica” é uma fazenda grande, 20% de mata, um lugar paradisíaco para se viver.

Quando comprei a fazenda, estranhei que havia uma casa não bem cuidada que poderia ter sido a casa grande de antes, mas não quis detalhes, bastava ater-me à produção de cacau, seu potencial, se não havia vassoura-de-bruxa e quantos empregados permanentes, além disto, eu a adquiri por uma pechincha, aquilo que não tivesse do meu gosto, seria corrigido depois, após três meses, comentei com o administrador, o negro Damião:

- Providencie reformar àquela casa, dentro de três meses, a casa grande será lá! – ele negaceou:

- Mas... doutor... é uma casa... mal... – desembuche Damião!

- Doutor José Armando, o povo diz que é mal-assombrada!

- Eu sou ateu, não creio nessas baboseiras... Damião, já viu uma alma?

- Nunca, doutor!

- Então, providencie a reforma da casa! – e acrescentei:

- Ah, inclua no projeto uma garagem.

Quatro meses depois, e, não três meses, a casa ficou pronta. Não mexeram na estrutura. O telhado francês acompanhou a garagem contígua. O piso porcelanado, chuveiros quentes, janelas e portas de sucupira maciça, grades de ferro para janelas e portas, duas suítes, ventiladores de teto, instalação elétrica embutida, forro de PVC,

reservatório de água enorme, boxes de blindex e toda avarandada, sem afetação, poder-se-ia dizer que a casa abandonada transformou-se em mansão.

Fiquei deslumbrado e orgulhoso com o meu feito, assim que pude, eu tomei posse da casa. Nos primeiros dias, não notei nada de estranho, então, conversei com os meus botões: “travessura de rato é alma penada para essa gente”. Mesmo ateu, reconheço que a fé conforta psicologicamente o coração do homem e o deixa mais humano, mais solidário, e, mais forte na adversidade, enquanto a falta de fé deixa-o infeliz, o coração empedernido, a mente atormentada e psicologicamente inseguro. Portanto, não estava preparado quando começaram aparecer coisas estranhas que as chamei de fenômenos naturais, mas ao longo do tempo, comecei me assustar, sem explicação lógica, passei acreditar em possibilidades espirituais...

Certo dia, em hora e lugar não combinados, cutuquei Damião:

- Você acredita em fantasma?

- Alma do outro mundo?

- Claro!

- Patrão, a vida não acaba aqui, o corpo desaparece...

- Sim, a morte é o fim!

- Desculpe-me doutor, o espírito permanece. Não os vemos porque se encontram em um lugar diferente do nosso, mas eles nos veem e até conhece os nossos pensamentos, João escreveu: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus.” (I São João – 4:1). Há espíritos bons e maus, os evoluídos estão distantes de nossa dimensão, os não evoluídos estão próximos de nós e fazem coisas estranhas...

- Isto é fé, não é razão, Damião!

- Perdoe meu patrão, fé sem razão é inócua, veja o que disse Allan Kardec: “Fé inabalável é aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade”. Tiago corrobora: “Assim como corpo sem espírito é morto, assim também, a fé sem obras é morta” Tg Cap. 2:16. Considere aí que toda obra é fundamentada na razão!

- Seu conhecimento de espiritismo é grande, hein Damião!?

- A “Bíblia” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo” são os meus livros de cabeceira. Sou um autodidata, tive pouca escolaridade, esforço-me para entender a religião à luz do espiritismo – e acrescentou:

- Se eu tivesse o conhecimento do doutor...

Eu saí dali frustrado, pensei que obteria respostas para as minhas preocupações, alguém na fazenda havia me falado que Damião frequentava o “Centro Espírita Chico Xavier ” e era kardecista de carteirinha, porém, eu saí, apenas, com um pouco mais de doutrina. Não culpei Damião, não lhe disse as coisas estranhas que estavam acontecendo na casa que reformei, o meu orgulho de ateu foi mais forte.

Naquele dia, também, aconteceu o que relutava aceitar: quando voltei para casa um pouco antes das 19 horas, ao abrir à porta e adentrei casa dentro, ouvi vozes que vinham da cozinha. Não me afrouxei, acendi as lâmpadas, fui até à cozinha, encontrei a mesa posta com resto de café nas xícaras e pedaços de pão, o susto não foi menor do que a carreira, gritei pelos meus seguranças:

- Pedro! João! Pedro! João!... – os homens socorreram-me incontinenti:

- Diga patrão! Houve o quê!? Estamos aqui! – mais seguro de mim, procurei lhes acalmar:

- Calma, calma, calma, rapazes!

- O senhor nos chamou aos gritos!

- Medo... encontrei a mesa... – Pedro me interrompeu:

- Patrão, o pessoal fala que esta casa é mal-assombrada! – João completou:

- Não quero botar pilha, mas uma noite dessas, saiu um homão aí pelos fundos, perguntei o que ele estava fazendo não me respondeu e desapareceu, acho que era uma alma penada. Não lhe contei Pedro!?

- Preferimos não lhe assustar! – voltando-se pra mim.

Estimado leitor, Pedro e João apareceram na fazenda, assim que a comprei, me pedindo emprego, disse-lhes que se entendessem com o administrador, não havia onde colocá-los, mas pelo porte físico avantajado deles, Damião sugeriu-me que os contratassem como seguranças da fazenda, porque na região, naquela época, havia muito roubo de cacau ainda nos cochos.

Os rapazes faziam ronda nas barcaças, no armazém de cacau, e na casa grande (sede), das 20:00 horas às 6:00 horas. Armados com revólveres e espingardas 12. Não eram mais chamados para nenhum serviço fora desse horário.

Pouco e pouco, eles foram adquirindo minha confiança, várias vezes, durante o trabalho, eu lhes chamava para que tomassem café comigo.

Algum tempo depois do café misterioso, Pedro e João comunicaram ao administrador que iriam deixar o emprego. Damião me fez ciente. Insisti que eles

ficassem por mais algum tempo até o contrato de outros seguranças, mas eles foram irreduzíveis e foram embora, na casa do sem jeito, sugeri ao administrador que testasse dois camaradas da lida do cacau como seguranças e deu certo.

Não me lembro do dia, lembro-me que foi num final de semana, a hora foi mais ou menos perto da meia noite que cheguei a casa. Passei pelos seguranças e lhes desejei boa noite. Assim que meti a chave na porta, fui agarrado por dois braços fortes e empurrado para dentro de casa. Não percebi quem era, a luz lusco-fusco e o telhado avarandado escurecia o ambiente, não dava para ver alguém que se escondesse atrás da parede à direita, só reconheci Pedro e João quando já estávamos dentro de casa e a porta fechada. “Lucy” e “Malink” estavam estirados no sofá.

O meu susto foi maior que o medo. Pensei que eles estivessem em apuros na cidade e tivessem usado esse estratagema para não chamar a atenção dos moradores da fazenda. Mas o pensamento logo foi desfeito, quando começaram me chamar de “velho sovina”, “miserável”, “advogado de merda”, etc. Acostumado com o psicológico de bandido, eu esbocei reação, mas logo fui contido por um safanão. João não usou meias palavras:

- Queremos joias e dinheiro! – não me intimidei:

- Acham que sou idiota para guardar joias e dinheiro neste fim de mundo, rapazes!? – Pedro deu-me um soco na barriga que contorci todo corpo, refiz-me e continuei:

- Não trago dinheiro para este fim de mundo! – repeti.

- Quando começar lhe cortar... – João desembainhou a peixeira.

- Cadê o dinheiro!? - João marchou em minha direção, mas de repente, num pulo certo, “Malink” unhou sua mão com ferimento profundo que a faca lhe caiu da mão. Pedro pegou a espingarda 12, e, atirou no gato duas ou três vezes em vão, a arma pisou e o pavor começou tomar conta de todos nós quando numa voz cavernosa, gutural, profunda, um som quase inaudível, difícil de traduzir, saía da garganta de “Lucy” e “Malink”:

- Nesta casa não será mais derramado o sangue de um justo!... – Esta foi a única frase completa que captei dos estranhos animais. Todavia, compreendi an passant que os antigos donos da fazenda tinham sido assassinados pelos pais de Pedro e João. Agora, eles queriam repetir o crime, mas não iriam conseguir porque eles estavam ali de guardiões.

A sala esfriou como se ar condicionado estivesse ligado no máximo. “Lucy” e “Malink” ficaram enormes, maiores que um homem de 1,80 m, eles mostravam seus dentes raivosos para Pedro e João. Suas cabeças giravam sobre os ombros numa grande velocidade. Os Olhos transmitiam uma luz em feixe e localizada, como se a luz fosse trespassar os corpos dos malfeitores. Porém, o mais surpreso estava por vir: eles se transformaram num casal bonito elegante. Ele, um homem de meia idade, cabelos grisalhos, simpático, de terno escuro e sapatos pretos de verniz; ela, uma linda mulher, balzaquiana, morena, cabelos cumpridos, pele viçosa, vestida de maneira elegante.

Pedro e João não se aguentavam nas pernas. Parados, de olhos arregalados, já desprovidos das armas, não corriam porque lhes faltavam forças nas pernas e nos pés. As mentes confusas ainda não tinham entendido que os seus pais tinham matado aqueles dois seres, agora, eles estavam ali para que mais uma morte não fosse perpetrada naquela casa e agradeciam a mim, tê-la restaurado.

- Eu sou Dr. Roberto Mascarenhas de Andrade! – apresentou-se.

- Eu sou Margareth Garret de Andrade – acrescentou:

- Nós agradecemos ao Dr. José Armando ter restaurado nossa casa!

Depois das apresentações, eles desapareceram... “Lucy” e “Malink” continuavam deitados no sofá em posição original. Agora, dono da situação, eu gritei pelos meus empregados e prendemos os meliantes e os entregamos no dia seguinte às autoridades do lugar.

Hoje, não sou mais ateu, procurei uma igreja e estudo os Evangelhos. Não vendi a fazenda nem me desfiz dos gatos, pois eles são instrumentos de espíritos que não atingiram à perfeição, mas são espíritos do bem.



**Alf, o demônio.**  
**R. Santana**

A velha Astrid não sabia explicar a origem de Alf, o gato surgiu, foi ficando e ficou. Astrid não gostava de gato, seu animal preferido era o cachorro, ultimamente, criava dois cachorros: Tupã era o guardião do sítio, e uma cachorra de raça Basset, que Astrid chamou-lhe de “Jéssica” desde novinha. Jéssica e Tupã conviviam em perfeita harmonia.

A velha Astrid morava numa pequena fazenda de boa aguada, na região Sudoeste da Bahia, onde criava galinhas, patos, perus, porcos, pavões, pequeno rebanho bovino, alguns pássaros de estimação, além de cultivar milho, batata doce, aipim, mandioca, abóbora e frutas. Ela, o marido, e seus dois sobrinhos (não teve filhos) davam conta do trabalho da fazenda. O lazer da família de Astrid era assistir à missa aos domingos em povoado não muito distante e ouvir um rádio de pilha de várias faixas nas noites de verão no alpendre da casa grande.

No início, Alf e os cachorros se estranharam, a velha Astrid interveio, mas ficaram alguns resquícios de má convivência, então, Alf escolheu o celeiro da fazenda como seu habitat permanente, de quando em vez, visitava a casa grande de maneira sorrateira, geralmente, pelo telhado, de lá só saía quando Jéssica e Tupã cismavam com sua presença e não paravam de latir. Astrid ensimesmava-se com o comportamento dos animais, porém, não podia negar que o surgimento de Alf, a fazendeira não podia mais se queixar de prejuízo: o celeiro ficou livre de ratos calunga e ratazanas, seguro para se guardar os mantimentos.

Alf tinha uma aparência não muito comum: olhos castanhos marcantes, o pelo do focinho, cabeça, pescoço, era negro piche e o resto cinza escuro rajado, corpo comprido e magro. Era admirável sua rapidez quando enfrentava Tupã e Jéssica, esbofeteava e unhava os cachorros com extrema facilidade, se incomodava mais com os latidos, do que com a ferocidade dos cães.

Três meses depois do aparecimento de Alf:

- Tia Astrid, Jéssica está morta!
- Morta? Morta como!?
- Não sei. Eu sei que ela foi mordida na goela!

- Mordida de cobra?
- Acho que não!
- O que faz pensar assim?
- A mordida de cobra seria nas ventas, nos olhos, ou, noutra parte do corpo, menos na jugular de onde o sangue foi chupado!
- Que história é essa, rapaz?
- Tia, o bicho que matou Jéssica fez dois orifícios bem definidos e sugou todo sangue...

Quatro meses depois do aparecimento de Alf, Tupã foi encontrado atrás do celeiro com as mesmas marcas dentárias de Jéssica e os olhos esbugalhados fora da caixa craniana, um quadro horrível. Todos da fazenda ficaram apavorados, inclusive, os vizinhos da fazendeira. Quando todos buscavam respostas, José de Astrid, seu marido, teve um insight inexplicável:

- Querida, será que não foi Alf?
- Alf, José!?
- Pressentimento, querida...
- Embora eu não goste de gato, Alf é dócil, José!
- Não! Alf enfrentava Jéssica e Tupã com bofetadas e arranhões e se não ralhássemos, ele teria matado os cães...
- O pobrezinho se sentia acuado, não é assim até com a gente? – olhe as patas dele pra ver se existem marcas de sangue, insistiu José.

O pessoal saiu atrás de Alf, mas não o encontrou, o gato desapareceu, Astrid inconformada, justificou:

- Ele ficou atemorizado com a quantidade de gente, voltará à noite, certamente...
- Alf não voltou.

Alf sumiu. A família de Astrid e os vizinhos vasculharam as roças num raio de um quilômetro quadrado e não encontraram o gato. O mistério continuou... Depois dos cachorros, as galinhas e os porcos foram atacados, em duas semanas, três porcos e várias galinhas e frangos foram sacrificados com o mesmo **modus operandi na matança**. A família de Astrid e os vizinhos apavorados criaram grupos de vigília para que dia sim e dia não, realizarem ronda na área da fazenda, onde se concentrava a maioria da criação, em vão, o bicho driblava os vigilantes!...

Naquele dia, sexta-feira 13, às 24 horas, o vento forte soprava fora da casa grande, o galo no terreiro cantava antes do dia amanhecer, se ouvia longe o canto agoureiro da coruja, a noite escura indicava Lua nova, a chuva caía lentamente na bica da casa grande, as dobradiças da porteira do curral rangiam como se chorassem, o touro berrava, o galinheiro alvoroçado, os porcos danados na pocilga, a temperatura despencou, mesmo assim, neste inferno de Dante Alighieri, Astrid e José de Astrid deixaram o leito e com candeeiro suspenso na mão direita, foram ver o que se passava quando encontram Alf em cima da mesa, a velha Astrid e José de Astrid correm para pegá-lo, mas uma voz cavernosa, soturna, ecoa no ambiente:

- Saiam daqui velhos carolas! Baba-hóstias! Baratas-de-sacristia! Saiam de minha fazenda!!! – os velhos não se intimidaram, cruz e terço levantados enfrentaram o demônio Alf:

- Vade retro Satana! Afasta-te desta casa Satanás! O teu lugar é o mundo das trevas! Nunca mais volte a esta casa do Senhor – o bicho quadruplicou em tamanho, se debatia, vomitava chispas de fogo, o rabo e a cabeça rodopiavam no corpo, os olhos faiscavam, das ventas saiam um vento quente, mas os velhos continuavam fortes e firmes na fé com a oração do terço:

- Creio em um só Deus/Pai todo-poderoso.... Pai Nosso... Ave Maria... Pai Nosso... Ave Maria...

## **Alf, o demônio (II)**

### **R. Santana**

O Sol a pino queimava o rosto da velha Astrid e dos seus sobrinhos que naquela manhã estavam cuidando do gado algumas varas distantes da casa grande. O Sol não queimava mais porque todos usavam chapéu de abas largas e camisa de manga comprida, mas o suor escorria pelos corpos, principalmente de Astrid que usava uma saia cobrindo as botas.

José de Astrid e o vizinho tinham ido ao povoado comprar mantimentos. Todo final de mês, repetia-se a rotina: José de Astrid selava o seu cavalo preferido, colocava a cangalha e os panacuns no jegue e arribava pra feira-livre do povoado Panelinha e voltava de lá quase noite, naquele dia não foi diferente.

Não se falava mais na casa de Astrid de Alf. Quando os sobrinhos e o marido tocavam no assunto, ela benzia-se três vezes, depois daquele dia que o gato encarnou o

demônio. Ela trouxe o padre de sua paróquia que espargiu água benta em todas as pegadas de Alf da soleira da porta da casa grande aos lugares onde ocorreram os sinistros, o gato sumiu.

Naquela manhã, quase meio dia, um redemoinho muito forte começou na frente da casa grande numa grande espiral e foi se reproduzindo em série por vários lugares próximos da casa grande. O redemoinho enrolava e arrastava tudo que encontrava pela frente, as portas e as janelas da casa grande batiam com força, as árvores tremiam como se estivessem de sezão, as folhas das árvores caíam aos montes, a roupa do varal foi sugada em redemoinho e espalhou-se por distância, o tufão arrancou, também, algumas telhas do curral, num instante o céu se fechou de nuvens e a chuva começou cair em braçadas, alagando tudo, um pandemônio, um inferno...

O gado fugiu em debandada, Astrid e os sobrinhos correram pra laje da casa grande, lugar mais seguro, enquanto a chuva caía aos borbotões e o tempo escurecia ainda mais rajado de relâmpagos e trovões. A velha Astrid buscou na escrivantina a Bíblia e o terço e começou orar:

- Deus tem misericórdia dos seus filhos, perdoa os nossos pecados, não permita que essa tempestade nos faça nenhum mal, não permita que essa tempestade desabe a casa dos nossos irmãos necessitados e que as nossas cabeças sejam alvos desses raios sem rumo, tenha piedade da gente, ó Senhor!!! – com o terço sobre a Bíblia:

- Creio em um só Deus/Pai todo-poderoso.... Pai Nosso... Ave Maria... Pai Nosso... Ave Maria... Santa Maria... Pai Nosso... Ave Maria... Santa Maria, mãe de Deus... – de repente, surgem os sobrinhos assombrados, a velha se espanta:

- Viram fantasma, rapazes!?! – os sobrinhos falaram, ao mesmo tempo, nervosos e arquejantes:

- Tia, há um gato enorme na cozinha em cima do armário!!! – a velha eufemiza:

- Ô rapazes, deve ser gato da vizinhança!

- Não tia, é um gato preto com os olhos vermelhos, parece com o arrenegado, é um bicho estranho!!! – Astrid estremece, lembrou-se de Alf, então, pegou no quarto mais alguns apetrechos sagrados: uma grande vela, um vaso de água benta, uma cruz de madeira e convidou os rapazes:

- Vamos, se for algum Anjo Rebelde, ele vai deixar esta casa em nome de Deus!

Os rapazes acompanharam a tia, pé ante pé, a luz trêmula da vela adiante, todos escudados pela velha Astrid, os rapazes com medo, a velha firme, quando ficaram frente a frente, um pouco mais de 3 metros, a coisa começou grunhir e ameaçar:

- Saiam daqui seus carolas! Baba-hóstias! Baratas-de-sacristia! Saiam de minha fazenda!!! – eles não se intimidaram, cruz e terço levantados enfrentaram o demônio, Astrid quase gritava:

- Vade retro Espírito das Trevas! Afasta-te desta casa Belzebu! O teu lugar é o mundo dos arrenegados! Sangue de Cristo tem poder! – Astrid espargia água benta na coisa, os sobrinhos afrontavam-no com a luz de vela e com a cruz. A água benta quando tocava no Tinhoso riscava fogo, mas ele resistia, vomitando porcarias e ameaçando, quando Astrid embasada na fé começou sorrir o arrenegado com o terço e orava:

- Pai Nosso... Ave Maria... Santa Maria... Pai Nosso... Ave Maria... Santa Maria, mãe de Deus...

### **Cemitério X** **R. Santana**

Quando Antony Cristhoff chegou ao “Cemitério X”, naquele Dia de Finados do ano de 2010, trazia no peito muita angústia e uma dor doída... Uma dor diferente das outras que o remédio não cura e a saudade eterna toma conta do coração. Ele jamais compreendeu a morte brutal de sua noiva Carol Antoniazzi, ocorrida 5 anos atrás, alguns dias antes do casamento, por um atrapalhado assaltante que para lhe tomar o carro e a bolsa, não entendeu o nervosismo de sua vítima e terminou lhe fuzilando à queima roupa, fugindo apavorado antes que a polícia chegasse, sem bolsa e sem carro.

Chegou ao “Cemitério X” com o Sol a pino. Desde que sua amada morreu, ele costumava assistir às missas e às palestras espíritas do Dia de Finados, desde o início da manhã, mas naquele dia, ficou preso no trânsito por longo tempo, quando o engarrafamento se dispersou, já era quase meio dia e foi o motivo involuntário do seu atraso. Embora fosse católico de nascimento, ultimamente, dava mais crédito ao espiritismo que lhe alimentava a esperança de reencontrar Carol no além-túmulo.

Não gostava das missas de padres velhos, os seus discursos eram **ipsis litteris**, pura interpretação exegética, uma releitura sem criatividade e sem vida. Entretanto, ficava de queixo caído quando ouvia mensagens novas, desatreladas de textos repetitivos e extemporâneos. Sabia que a Bíblia tinha sido inspirada por Deus há milhares de anos e refletia aquele tempo, portanto, existe a necessidade que os textos sagrados sejam adaptados sempre.

Antony refletia sobre o significado da morte desde que sua amada morreu. Entendia que o batismo é o sinal que transforma a criatura de Deus em seu filho, mas tinha um pé lá e outro cá em relação à ressurreição do homem, em particular, a ressurreição de Jesus Cristo e se perguntava: “Se Jesus Cristo ressuscitou em espírito, como Ele comeu e bebeu com os discípulos, ou seja, matéria corruptível, apanágio dos mortais?” Ou, “Sua promessa de retorno nunca se cumpre há 2000 anos?” Homem de fé, concluía: “Os apóstolos devem ter exagerado nos feitos e nos feitos!...”

Para Antony, havia mais lógica na doutrina de Kardec na explicação da morte, o espírito deve reencarnar várias vezes num processo de aperfeiçoamento e purificação, a exemplo da seleção genética, se alguém deseja uma espécie boa de milho, será necessário plantá-lo várias vezes para selecionar as melhores sementes e encontrar um tipo de milho mais resistente às pragas e mais produtivo. Assim Deus deixou que a semente do homem fosse melhorada através de várias mortes e lhe habitasse, depois, no reino dos céus.

O dia já se escondia atrás da noite quando foi puxado por uma força estranha, deixou o plenário da missa, a voz do sacerdote ainda lhe martelava a cabeça: “...Deus não nos abandonou à morte: ele nos enviou o seu Filho, em tudo igual a nós, menos no pecado”. Saiu a esmo pelas ruas e quadras do cemitério e não tinha vontade de voltar pra casa, ficou entretido com os mausoléus, com os jazigos e estupefato com a quantidade de gavetas! Aí, deu razão à sabedoria popular que diz: “o rico quando morre não leva nada e o pobre nada deixa”, pois os jazigos e os mausoléus davam gosto se apreciar, além de refletirem uma época, ostentavam a importância do falecido e a riqueza da família, enquanto os defuntos pobres eram colocados em gavetas ou uma cruz fincada na cova indicava o nome do morto.

Enquanto a noite avançava, Antony se esquecia do tempo, quando deu em si, o cemitério estava fechado. Procurou uma saída, em vão, o muro muito alto lhe dificultava subir e ganhar o mundo... Tentou chamar a atenção das pessoas que passavam no passeio, mas foi confundido com fantasma, na casa do sem jeito, sentou-se num jazigo e ficou de sono e cansaço.

Acordou assustado. Não sabia quanto tempo havia dormido nem a hora, mas deduzia que passava da meia noite, frio e calor lhe tomavam o corpo, tochas em mãos invisíveis percorriam os quatro cantos do “Cemitério X”. Um gato preto, de olhos vermelhos, lhe fuzilava de cima de um suntuoso mausoléu, quando de repente, surgem

dois casais conhecidos que lhe tomam pelo braço, e, devagarzinho, levam-no à capela, Antony resiste apavorado:

- Vocês seriam os meus padrinhos e os de Carol, mas vocês morreram naquele acidente!!! – não foi ouvido. Deixou-se levar...

Ainda distante, vislumbrou a capela arrumada e lotada, a musica Unforgiven lhe chamou a atenção, os acordes do piano e os sons do violino e do sax entravam em seu ser e ele gozava de prazer. Percebeu-se arrumado de terno e gravata, agora, na entrada da capela, o Concerto nº1, de Tchaikovisk, dava o tom da cerimônia.

No pé do altar, ele vira-se pra entrada da capela e ver Carol, diáfana, de braço dado com o seu pai sob as marchas nupciais de Mendelson e Wagner, encaminham-se em sua direção, acompanhados das portas-alianças. Achou Carol mais bonita do que nunca, tomou-a pelo braço e ambos se colocam sob as bênçãos do sacerdote que após pequeno comentário, ele lhes pergunta:

- Antony Cristhoff e Carol Antoniazzi estardes aqui para que eu celebre o vosso matrimônio. É de vossa livre vontade que vos desejais casar?

- Sim! – respondeu o noivo.

- Sim! – completou a noiva.

- Vós que buscardes a igreja de Jesus Cristo, prometeis-Lhe, amar-vos e respeitar-vos para sempre?

- Sim!

- Sim!

- Estais preparados para chegada dos filhos e educá-los na fé cristã?

- Sim!

- Sim!

- Visto que é de vossa vontade unir-vos no matrimônio, peço-vos unir as mãos direitas e manifesteis o vosso consentimento diante de Deus e da Igreja Católica!

- Eu, Antony Cristhoff, recebo-te por minha esposa a ti, Carol Antoniazzi, prometo a ti, ser fiel, respeitar-te, na alegria, na adversidade, na saúde e na doença, eternamente!...

- Eu, Carol Antoniazzi, recebo Antony Cristhoff por meu esposo e prometo-te ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria, na adversidade, na saúde e na doença, eternamente!...

O padre dá sua bênção e finaliza a cerimônia com os ritos finais. Noivo e noiva (agora, casados), se beijam, Carol joga o buquê... Todos se confraternizam e se despendem do novo casal.

No outro dia:

- Paulo, aqui tem um homem morto!!!

- Pra variar, não é!? – e deu uma sonora risada.

- Paulo não brinque, o sujeito está teso em cima do jazigo da família Antoniazzi!!! – gritou o colega.

Certamente, se o destino lhes foi traiçoeiro, a morte lhes aproximou para sempre!...

### **Chat mal-assombrado** **R. Santana**

- Olá, Carol!

-Oi, Paulo! Você é muito jovem... Quantos aninhos?

- Adivinhe!

- Bem, essas espinhas... pele jovem... 18 aninhos! Acertei?

- Errou por 2 meses!

- Não sou pedófila, garoto!

- Sou homem feito, princesa!

- Não duvido, mas sou mais velha...

- Quanto, mais velha?

- Sou mais velha 2 anos!

- Carol, a diferença é nada!

- Já lhe encontrei em vários chats, você não trabalha?

- Eu lhe confesso: sou aficionado por redes sociais e salas de bate-papo. Colo que só chiclete! Não, não trabalho, estudo medicina, acha pouco?

- Ah, será médico?

- Claro, Carol!

- Desculpe-me, quis dizer: a especialidade?

- Em princípio, eu serei clínico, mas farei residência em oncologia!

- Hein!?

- Não entendeu? Residência em oncologia!



- Coincidência...

- Não entendi!...

- Deixe pra lá... bobagem... hum... hum... hum... vou desconectar!... – Carol saiu da sala abruptamente.

Paulo não entendeu a maneira repentina que Carol deixou a sala de bate-papo do site de relacionamento: “Flor de Cactos”. Já tinham conversado mais de uma vez, sempre ela fugia sem explicação e inesperadamente. Então, Paulo se voltava para o Facebook, o LinkedIn, o Twitter, o MySpace..., postando, curtindo, comentando, numa tentativa de reencontrar Carol, em vão... Porém, um dia, quando ele já havia acessado pela enésima vez o site “Flor de Cactos”, reencontrou-lhe de repente:

- Olá, princesa! Sumiu!?

- Andei vagando pelo espaço sideral!

- E não me convidou...

- É preciso morrer primeiro!

- Que conversa lúgubre, Carol!

- Você tem medo da morte?

- Claro!

- A morte é uma passagem...

- Tão cedo não quero passar para o lado de lá, princesa!

- Nem por mim!?

- Hoje, o seu papo está esquisito!...

- Desculpe-me amigo, é que... – desconectou.

Dois dias depois: Paulo desiludido de lhe procurar, já não lhe movia a esperança de reencontrá-la nem a curiosidade de desvendar o mistério daquela mulher de rosto perfeito e corpo sensual, a reencontra, aliás, ela o reencontra:

- Olá amigo, senti minha falta!?

- Você é um mistério, aparece e desaparece sem deixar rastro!!! – um pouco irritado.

- Querido, não se irrite, estou sempre perto...

- Parece um fantasma!!! – ainda irritado.

- Sim. Um fantasma virtual!...

- Gosto de abraçar, beijar, morder...

- Não lhe prometo muito... Quer me ver mesmo assim!?

- Sim! – o ambiente num instante virou pelo avesso:

O monitor LED começou chuveirar, a mesa tremulava, o WEBCAM foi lançado do outro lado da parede, a estante pulava com os livros, o CPU deu um pipoco, a lâmpada da sala de luz incandescente passou pra lusco-fusco, a poltrona de Paulo começou rodopiar, o ar condicionado disparou no máximo, a pilha de CD e DVD se espalhou pelo chão, as portas da casa abriam e fechavam com força, Paulo se encolheu de frio, quando Carol, com seu corpanzil, de sapato alto, voz gutural, surgiu de supetão no fundo da sala:

- Querido amigo, estou aqui! – Paulo desmaiou...

### **Maria Clara**

#### **R. Santana**

- Maria Clara!

- Sim, mãezinha!

- Onde está?

- Estou brincando de boneca!

- Perguntei-lhe onde?

- No meu quarto!

- Sozinha? Chame sua prima Karina!

- Não estou sozinha!

- Karina está aí?

- Não!

- Quem está aí? – Maria Clara não responde, sua mãe repete:

- Quem está aí?

- Mãezinha... mãezinha... estou brincando... – Helena impacienta-se:

- Filha, quem está aí!?

- Totó! – mentiu.

- Totó está aqui, mentindo pra mãezinha!?

- É que... é que... é que... você não gosta de Carol... – choramingando.

- Oh filha, não chore!

- Mãezinha, eu posso brincar com Carol?

- Filhinha, Carol não existe...

- Carol é minha amiga, mãezinha! – para não lhe contrariar:

- Tudo bem, meu amor!

Helena é vencida pela insistência da menina. Maria Clara tem 4 aninhos e seus pais estavam assustados com essa história de Carol, é que, ultimamente, a menina brincava boa parte do tempo com essa garota imaginária, que somente ela conhecia, muitas vezes, foi flagrada arrumando as bonecas e conversando com essa “garota”. Só queria brincar com Carol, exceto, na escola. Descrevia-a, a seu modo, como se ela fosse do seu tamanho, de sua cor e idade.

Seus pais esgotaram todos os recursos médicos, ela passou por psicólogos e psiquiatras, nenhum diagnóstico de insanidade, nenhuma anormalidade, concluíram que tudo não passava de fantasia, mente fértil, filha única, uma maneira dela sublimar e racionalizar a ausência de um irmãozinho, de uma irmãzinha, mas com o tempo esse universo imaginário seria substituído pela realidade.

Os pais de Maria Clara não saíam da igreja cristã, jamais iriam atribuir nenhuma manifestação espiritual, portanto, Carol não passava de capricho da filha, uma maneira da menina lhes chamar a atenção.

Noite de Natal, Helena e o esposo como bons cristãos, arrumaram a casa com gambiarras coloridas e árvore de Natal iluminada. A ceia de Natal foi feita com esmero. Naquela noite o padre paroquiano prometeu romper a tradição e liberar os fieis mais cedo. Justificava a violência das ruas e o perigo das famílias chegarem tarde a suas casas.

Helena serviu a ceia mais cedo. As crianças e os adolescentes brincavam no jardim da casa, os homens discutiam os últimos acontecimentos políticos. As mulheres falavam de seus pimpolhos. Tudo era clima de festa, quando houve um blackout decorrente da sobrecarga de energia e uma língua de fogo irrompeu num dos pontos de telhado que tomou forma e começou se alastrar...

Grande foi o tumulto. Muitos convidados tropeçavam sobre os móveis, ninguém ficou dentro de casa, os bombeiros foram acionados e chegaram de imediato, tudo parecia sob controle quando Helena deu por falta de Maria Clara e abriu o berreiro de socorro. O fogo estava praticamente debelado quando um dos bombeiros adentrou na casa ouvindo o clamor de Helena.

Se não fosse a situação estranha que o bombeiro encontrou, o socorro de Maria Clara teria sido rotina: a pequerrucha brincava de boneca, o quarto iluminado por uma luz misteriosa, falava com alguém que lhe correspondia, no fundo uma árvore de Natal iluminava mais ainda o ambiente. O bombeiro ficou confuso, absorto, sem nada

entender, seguiu seu instinto, colocou a menina no colo, instante depois a deixava nos braços da mãe:

- Senhora há mais alguém na casa?
- Não! Por quê?
- Nada...

### **Noite de terror**

#### **R. Santana**

Era ainda cedo quando chegamos à fazenda “Cacau na Barcaça”, no município de Camacan, do cacauicultor Boaventura Andrade Neto, do administrador à cozinheira, tudo estava nos conformes para nossa visita. O fazendeiro havia propiciado a mim e minha esposa, uma semana de lazer em sua fazenda, depois de vitorioso numa tremenda batalha jurídica de reintegração de posse de outra fazenda e fui seu advogado.

Uma sesmaria de terra a fazenda “Cacau na Barcaça”. Embora a casa da sede tivesse uma fachada barroca, o seu interior havia recebido uma moderna reconstrução do piso ao forro do telhado, tudo cheirava a novo e riqueza, o quarto que nos foi indicado, os tapetes engoliam os nossos pés, um pôster na parede dos donos da propriedade, um enorme guarda roupa embutido, uma cômoda de 6 gavetas, uma escrivaninha, os cobertores e os travesseiros de penas de ganso tinham cheiro de alfazema e colchão macio de espuma de densidade máxima, um luxo!...

A velha Bertoleza era riso da cabeça aos pés, tataraneta de escravos, a pele parecia pintada de piche, não se cansava de gentilezas:

- Doutô se precisá da nega veia é só chamá, eu drumo nus fundus! – eu a tranquilizava, dizia-lhe que tudo estava ótimo, a minha esposa lhe abraçava e lhe era agradável.

Às 17 horas, mata fechada, estava noite... Depois do banho e vestirmos roupas leves, Bertoleza encheu a mesa de iguarias: bolos de aipim, de puba, de arroz, de ovos, cuscuz, aipim, inhame, carne-de-sol e frango assados na brasa, leite e café - comida leve para que as visitas não se empanturrassem e tivessem pesadelo, dizia. Para não lhe desagradar, comemos um pouquinho de cada coisa e depois de bate papo informal com os camaradas no alpendre da casa grande, fomos dormir.

Dormíamos o sono dos justos quando fui acordado pela badalação do relógio de algarismos romanos da sala contígua que marcava meia noite. O silêncio da noite me assustava, vez em quando, uma ave noturna quebrava a monotonia com seu canto

engasgado e lúgubre, quando ruídos e movimentos estranhos surgiram em todos os cantos da casa como se provocados por alguém ou por alguma coisa.

A minha mulher ressonava, parecia sonhar profundamente, cutuquei-lhe algumas vezes em vão, então, deixei-a rressonar em paz e me fiz ouvido!... Agora, além do ranger de dobradiças, bater de portas, arrastar de cadeiras, comecei ouvir passos e voz sussurrada de alguém. Não era voz de mulher, queixava-se de alguma coisa numa conversa confusa e interminável, a custo, eu ouvi dizer: “nã... nã... nã quer... nã quer... nã... quer... estranh... aqui”, foi tudo que ouvir! Acho que o medo que se apoderou de mim e a distância do meu quarto dificultavam-me compreender a fala daquele ser estranho deste mundo, ou, do outro...

O medo crescia ainda mais dentro de mim, puxava com sofreguidão o cobertor até a cabeça, deixando de fora a ponta nariz para respirar, o coração disparava, suava por todos os poros, tampava os ouvidos para não ouvir o toque e toque dos sapatos do fantasma que, agora, se deslocava da cozinha à sala principal, parecia que era manco e arrastava uma das pernas e sempre resmungando.

Quando tudo parecia perdido, lembrei-me de Bertoleza que ao se despedir com seu “bua noute”, recomendou-me que se ouvisse algo estranho pegasse o crucifixo ao lado da cama, levasse ao peito e rezasse o “Pai Nosso”, ainda debochei da negra velha:

- Ah, ah, ah... Bertoleza, um homem de 1,87 m de altura, com este corpanzil (mostrei-lhe a caixa torácica e os muques), vai ter medo de alma penada!?! Isto é supertição minha negra! – e, caí na risada, mas ela não se fez de rogada:

- Sinhuzinho, Dêus ti live du coroné Bua Vintura aparecê! – conclui com bazófia:

- Se esse tal coronel Boa Ventura aparecer, eu irei lhe expulsar a pontapés daqui!... – a negra fez um muxoxo de incredulidade e foi dormir.

Portanto, quando tudo parecia perdido, lembrei-me de Bertoleza, tateei as peças no escuro, peguei a cruz de madeira, abrir a porta do quarto devagarzinho, com o fôlego no limite, de repente, vi um homenzarrão, branco, de cabelos alinhavados, de terno branco e gravata, em pé, olhando pra mim. Uma força estranha tomou conta de mim, fiz do medo, coragem, empunhei a cruz em sua direção e bradei:

- Sangue de Cristo tem poder! Sai daqui alma penada! Eu lhe ordeno Satanás, deixe esta alma em paz, em nome do Senhor! Vade retro, Satanás!!! – O fantasma se mexeu em minha direção...

- Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome... Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... Santa Maria, Mãe de Deus. Rogai por nós, pecadores... Amém! – O ser estranho virou-me as costas e começou se afastar como se o corredor fosse infinito...

Fui acordado ainda noite por Judite e Bertoleza. A minha mulher me chamava e estapeava o meu rosto enquanto Bertoleza me benzia com galhos de arruda dos pés à cabeça para espantar os espíritos maus! Com dificuldade, abri os olhos e lhes perguntei:

- Que dia é hoje?

- Sexta-feira, 13 de agosto de 2011!

Tudo estava explicado... Ainda meio grogue, lembrei-me de alguém que disse: “Quem não tem superstição não tem alma”, dali em diante, jamais iria brincar com as coisas do além e falei sonolento:

- Sangue de Cristo tem poder! Sai daqui alma penada! Eu lhe ordeno Satanás, deixe esta alma em paz, em nome do Senhor! Vade retro, Satanás! – e continuei:

- Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome... Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... Santa Maria, Mãe de Deus. Rogai por nós, pecadores... Amém!

## **O fantasma de Nancy**

**R. Santana**

O Mitsubishi deslizava suave e gracioso no asfalto molhado na BR 101, distante 40 Km de Aracaju, naquele domingo de maio do ano de 2006, às 11h:15min quando Dr. Alfrink Schmidt Andreotti desperta do cochilo e puxa conversa com Zé Maria, seu amigo, seu motorista, seu segurança, seu secretário particular, enfim, uma espécie de faz de tudo da família Andreotti há mais de 30 anos. Quando Zé Maria começou trabalhar com o advogado Alfrink, seus filhos Paulo e Paola eram meninos, hoje, são especialistas em medicina ginecológica e medicina ortomolecular, prestigiados e requisitados em todo país.

-Zé, eu estou preocupado com o filho de Paola!

-Carlos ou Neto?

-Neto!

-Ele não passou no vestibular!?

-Passou. Agora, ele deu pra beber e fumar...

-É coisa da idade doutor, influência de colegas... – o velho interrompeu Zé

Maria:

-Não se pode culpar colega A ou colega B, Zé, a culpa é de Paola que lhe faz muito gosto!

-É compreensível. Aliás, Alfrink Neto nasceu privilegiado: herdou a inteligência do pai e a beleza da mãe. Essa fase de “aborrecente” passará!

- Deus lhe ouça, amo aquele moleque!

- Eu sei...

A velocidade do Mitsubishi ia um pouco mais de 100 km/h, o pouco movimento na rodovia naquela hora e a vontade de voltar pra casa permitiram que Zé Maria pisasse um pouco mais no acelerador, porém, surgiu de repente, um carro na contramão que vinha em zigue-zague, Zé Maria ainda puxou seu automóvel pra direita, na faixa do acostamento, mas não houve tempo de evitar o acidente, o carro desconhecido saiu rasgando a lateral do seu carro e foi a causa de várias capotagens do Mitsubishi, empurrando-o para o despenhadeiro.

A Polícia Rodoviária Federal agiu de pronto, uma ambulância do SAMU foi acionada, o motorista do carro que provocou o sinistro teve, apenas, pequenas escoriações, mas foi indiciado como crime de dolo pela vontade consciente de cometer o acidente, visto que não se aguentava nas pernas de bêbado e com a habilitação vencida. O motorista Zé Maria e o advogado Alfrink Andreotti foram levados, às pressas, para o Hospital Regional Governador João Alves Filho de Sergipe.

Nancy Lavigne Andreotti, esposa de Alfrink, nasceu em berço rico, seu pai era um dos usineiros mais conhecidos do estado e do país, deixou-lhe uma grande fortuna, antes do velho morrer e unir-se ao advogado, ela ficou uns quatro anos na Inglaterra (percorreu a maioria dos países da Europa), especializando-se em ginecologia e fez residência médica num conhecido hospital-escola de São Paulo, durante três anos.

Embora fosse uma mulher culta, de grande saber científico, depois que se aposentou da medicina, mergulhou na vida mística com beatice e paixão. Católica de nascimento, ultimamente, perseverava a fé católica, mas simpatizava o espiritismo. Dividia o seu tempo nas missas e sessões espíritas.

Quando alguém lhe questionava a incoerência entre a doutrina cristã e a doutrina kardecista, ela usava o princípio de que “Fé inabalável só é a que pode encarar frente a

frente à razão, em todas as épocas da Humanidade”, que os Evangelhos haviam sido refletidos segundo a doutrina espírita de Kardec, que Jesus Cristo deu poder aos discípulos de cura das enfermidades e a expulsão dos espíritos imundos (Mateus 10:1), ora, a reencarnação segundo a exegese de Nancy, poderia ser a ressurreição apregoada por Jesus Cristo no Juízo Final.

Mas o que mais assustava Alfrink nos últimos tempos, é que sua esposa passou ter no dia a dia um comportamento antissocial, quase misantropo, não mais frequentava os amigos nem se deixava frequentar, seu único prazer era a religião católica e as ideias espíritas. Ia à igreja católica pela manhã, à noite, a sessão espírita. Os filhos e os netos deixaram de vê-la com frequência. A família, pouco a pouco, não mais se reunia aos domingos e feriados como antes, na mansão, nessas ocasiões, enquanto o adulto comia e bebia a gosto, a molecada se divertia no playground.

A casa ficou sombria...

Aquele domingo de maio não foi diferente na rotina de Nancy: pela manhã, cedo, ela foi à missa, quando voltou pra casa, Alfrink havia ido visitar um amigo enfermo em Lagarto com a promessa de lá não pernoitar; á noite, ela foi à missa das 19 horas, depois do “Fantástico” foi dormir e acordou com o tilintar do telefone:

- Alô, é doutora Nancy?

- Sim!

- Aqui, é do HUSE!

- Hospital!?

- Hospital!

- Mas, já passa da zero hora!!! – irritada.

- Desculpe-me doutora, mas seu marido... – a funcionária foi interrompida.

- Meu marido!? Houve o quê!?

- Houve um acidente...

- Ele está bem? – a funcionária tergiversou:

- Bem... eu não sei... os médicos querem lhe ver...

O acidente foi fatal, Alfrink e Zé Maria foram socorridos ainda com vida, mas não resistiram aos ferimentos. Foi comoção geral, o advogado era muito conhecido, muito querido, tanto na capital como no interior do estado. Nancy, os filhos e os netos se desmancharam em lágrimas e lamentações. As convicções religiosas de Nancy não lhe deram suporte emocional nem conforto espiritual, talvez, por ter dividido a fé entre



sua prática e suas convicções, ela foi quem mais sofreu com a perda de Alfrink, sofreu mais que os filhos e os netos.

Zé Maria não foi tão pranteado quanto o patrão, mas foi muito lastimado pelos filhos e netos de Nancy, principalmente, Carlos e Alfrink Neto. Zé Maria acobertava e minimizava as estripulias dos adolescentes. Como não tinha filhos nem parentes próximos, fez dos filhos e dos netos dos seus patrões, seus filhos e netos. Negro curtido, amiguelo, bem apessoado, afável, morreu sem aparentar que já era sexagenário e fazia algum tempo.

Dois anos depois do desenlace do marido, Nancy se tornou mais esquisita e a mansão mais sombria. Cedo despachava os empregados para suas casas e ficava sozinha com seus cachorros e seus gatos num mundo de casa. Deixou de frequentar a igreja católica e tornou-se mais presente na casa espírita Arapary. Não perdia uma sessão, pois não lhe fugia a esperança de reencontrar o marido não em carne e osso, mas em espírito, se não conseguisse vê-lo pelo menos lhe falar, dois anos depois, naquela noite do mês de maio, às 24:00 horas, eis que ele voltou!...

Os aposentos de Nancy estavam iluminados pela luz de velas. O vento soprava com força na copa das árvores do jardim, os animais da mansão miavam e latiam com choro, as portas rangiam os ferrolhos, o relógio de pêndulo batia 12 badaladas com força, a coruja distante rasgava a mortalha, o calor de verão invernou-se, Nancy ajoelhada no canto orava, quando Alfrink com voz soturna lhe apareceu:

- Não mais lhe deixarei querida!

- Eu também, meu amor!

Nancy voltou a sorrir, tornou-se benemérita do centro espírita Arapary, doa-lhe polpudas contribuições. Ela não deixou de tudo suas esquisitices, sua casa é frequentada, somente, pelos netos e filhos, mesmo assim, esporadicamente. Os empregados têm que sair antes que o sol não dê mais sinal de vida. Os seus aposentos fedem a vela queimada e têm aura de mistério. Os funcionários mais devotos afirmam por todos os santos conhecidos e desconhecidos que já viram e ouviram as pantomimas de Alfrink Schmidt Andreotti, ressalvam, entretanto, que nunca viram nem fumaça do negro Zé Maria.

Hoje, quando um forasteiro passa pelo passeio da lúgubre mansão e pergunta a alguém da cidade:

- É ali que mora o fantasma de Nancy?

-Sim. Ali mora o fantasma de Nancy!...

## O cadáver

R. Santana

Ele estava ali estirado, o cadáver, o nada diante do tudo e tudo diante do nada, mas o tudo é o nada... Deus, ó Deus, onde estás que não vês o nada?! Nós todos, somos o nada diante de Ti! O nada é o cadáver, mas o cadáver já foi o tudo e o tudo um dia será o nada! O nada é o que existe...

Meu Deus, meu Deus, por que o tudo um dia tem que ser o nada? Não basta à angústia do homem não saber de onde veio, quem é, e, para onde vai? É preciso ainda ter consciência que não é nada?! Se os nossos dobrados de lágrimas e dor chegassem a Ti, o mundo deixaria de ser imundo e seria mundo. Deus, ó Deus, se o homem fosse tudo, deixaria de ser besta fera, desumano, desalmado e passaria ser humano!...

Deus, ó Deus, as frias carnes depositadas ali na pedra fria da funerária, serão comidas pelos vermes sem cerimônia, não importa para o verme, se um dia essas carnes foram vestidas por cambraia, seda, algodão, casimira, brim, cáqui ou jeans. Se a carne é de sábio ou de ignorante, o que importa para o verme que a carne será sua comida, depois, verme e carne serão pó e mais do que nada.

Meu Deus, meu Deus, é justo ao homem o nada?! Nenhuma morte é digna, a morte é a indignidade da vida. Se o apóstolo diz: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo.” (Cf. 1Co 6:19,20). Como justificar a presença do Deus no nada? Não seria mais fácil dizer que Deus nunca esteve no corpo do homem? Portanto, o nada sempre foi o nada desde o início dos tempos!...

Estava ali o cadáver, pranteado e amado pelo tudo, tudo que amanhã será nada. Cadáver maniqueísta que foi bom ou mau e que viveu bem ou mal, qual o lado que o verme primeiro vai comer? Se o verme for bom, primeiro ele vai comer o lado mau se o verme for mau, ele vai começar pelo lado bom. Na vida não existe meio termo, só existe o bem ou o mal.

Porém, quando a vida se esvai, resta, somente, o cadáver, a luta entre o bem e o mal não tem sentido. O tudo não chora à chegada do nada, o tudo chora à exiguidade da vida, o tudo percebe que não é nada.

Estava ali estirado, o cadáver, sem vida e sem alma, mas será que existe alma, independente do corpo? Ou, alma é a energia que anima o corpo e se exaure deixando o

cadáver? Os cientistas já conseguiram captar (filmar) a “energia” que se esvai do corpo nos estertores da morte. Há, hoje, quem advogue que esse processo não é instantâneo, leva em média, 20 dias para que o moribundo se torne cadáver.

Filhos, mulher, parentes, e amigos, choram e se descabelam sobre o cadáver, mas o cadáver é o nada, então, eles devem estar chorando, lembrando de tudo que é nada, a separação é eterna, a ressurreição e a reencarnação são embasadas na fé... Será que o nada um dia voltará ser o tudo? Ou, sempre o tudo será nada? Mistérios que o homem ainda não conseguiu decifrá-los, mas aceitá-los.

Ah, pais! Não devem chorar, porque o cadáver ali não é mais o seu filho, é um corpo depositado na pedra fria e indiferente da funerária, é um corpo estranho, não responde mais ao seu clamor, é o tudo diante do nada, ele não mais será acalentado no seio da família, pois o mundo da possibilidade exerceu o possível e desordenou a ordem natureza.

Em vão é o esforço do homem para juntar riquezas em detrimento da vida se o nada é o fim. Quantas vidas são ceifadas pelo vício e ambição material? Não se pode contar. O homem moderno ainda continua com idéias atávicas, sua mente pouco evoluiu em relação ao tempo, os cientistas afirmam que o cérebro do homem tem uma grande parte inexplorada. Se a mente humana tivesse desenvolvido todas suas potencialidades ao longo do tempo, sua espiritualidade fosse zen, ele tivesse mais amor à vida e à natureza, o nada seria diferente...

Deus, ó Deus, por que fez do tempo o nosso cutelo? Não se entende a exiguidade de vida que destes a vossa criação diante do tempo infinito! Um meteorito leva centenas de anos para se desintegrar (morrer) no espaço enquanto o homem e as outras espécies, a vida é fugaz. Se a vida é tão curta, melhor é morrer... Se não nascêssemos não teríamos a angústia que somos nada, a exiguidade da vida desperta insegurança no homem desde o nascimento á morte.

Chora humanidade que hoje é tudo e amanhã será nada!... Chora alma minha que hoje é vida e amanhã será o meu cadáver depositado no inferno, onde os vermes não deixarão em paz as minhas frias carnes, devorando as carnes boas e as carnes más!... Se as promessas de vida eterna e remissão dos pecados de Jesus Cristo não se cumprirem, debalde foi nossa luta entre o bem e o mal!...

## **O fantasma da moto**

**R. Santana**

Eu gostaria que o leitor não pensasse que essas histórias de fantasmas são contos de carochinhas. Se não são verdadeiras, não me considere culpado, pois elas não nasceram da minha mente, não tenho nenhuma experiência do além e não pratico a fé espírita, mas dou ouvido e voz às pessoas que já tiveram experiência com os nossos irmãos do lado de lá. Claro, quem conta um conto aumenta um ponto porque o trabalho do contador de história é mexer com o sentimento humano, mexer com a emoção de cada indivíduo, mas fiel à verdade do acontecimento.

O jovem Paulo Veneto, Paulinho, insistiu que colocasse no papel sua história de “O fantasma da moto”, argumentei-lhe que no Século XXI, século da internet, século do celular, século do laptop, século do tablet, século do homem pisando na Lua e a caminho de Marte, ninguém mais iria acreditar em alma penada, assombração, aparição, visagem ou coisa que valha, além disso, soube pelo seu primo Leonardo que Paulinho mente mais do que cachorro de preá, portanto, finquei pé, por algum tempo, e não me deixei levar pelo ridículo de acreditar em alma que vaga à toa.

Porém, ele tanto insistiu que fiquei na casa do sem jeito, mas exigi-lhe que jurasse por todos os santos conhecidos e os santos desconhecidos. Paulinho não claudicou jurou por todos os santos, pela barba do profeta Maomé e pelo sangue e hóstia de Jesus Cristo. Mesmo assim, continuei na defensiva, resistindo, enfim, que não nasci com o talento de Jorge Amado, de Adonias Filho, de Monteiro Lobato e do mestre Machado de Assis para contar história nem com o misticismo de Paulo Coelho, mas não lhe convenci e me fez ver que: “quem não tem cachorro, caça com gato”, o importante, seria que todos soubessem de sua história, então, eis a seguir, a narrativa de “O fantasma da moto”.

Paulinho comprou uma moto para trabalhar de mototaxista em Itabuna, mas durou pouco tempo nessa atividade, surgiu na cidade de Ilhéus um emprego fixo numa empresa não legalizada de caça-níqueis. Não obstante o risco do trabalho ilegal, o clamor da barriga foi mais forte que os apelos éticos e morais da consciência, portanto, aceitou o emprego e lá se foi pra cidade vizinha, à boquinha da noite, voltava para sua casa.

A BR- 415 liga as duas cidades e tem uma distância, um pouco mais ou um pouco menos de 30 Km, a margem do lado esquerdo sentido Ilhéus, ficam os sítios, as

fazendas, a CEPLAC, a UESC, o posto da Polícia Rodoviária Estadual, ruas do Salobrinho e do Banco da Vitória e um cemitério de pobre no sopé de um morro; do lado direito, fica o rio Cachoeira, fica um posto da Polícia Rodoviária Federal, fica uma extensão da CEPLAC, alguns empreendimentos, também, ruas do Salobrinho e Banco da Vitória.

Foi defronte ao cemitério, às 23:35 h, sentido Itabuna, que Paulinho encontrou um rapaz, moreno baixo, de capacete na cabeça, viseira aberta, roupa de motoqueiro, uma moto 125 cc no descanso, um lado da carenagem quebrado e o tanque de gasolina amassado. Inicialmente, pensou passar ao largo, não gostava de passar pelo cemitério, sentia calafrios, de medo o cabelo ficava em pé empurrando o capacete, mas não havia jeito, é passagem obrigatória, o jeito era virar o rosto pra o lado contrário, naquele dia todo artifício para não encarar a última morada foi em vão, o rapaz se colocou no meio da pista gritando socorro:

- Socorro! Socorro! Socorro!...

- E aí meu brother, houve o quê?

- Uma carreta deu-me um safanão!

- Comunicou à polícia!?

- Não!

- Por que não o fez?

- Pra quê? Estou sem celular e não anotei a placa do carro...

- O quê posso fazer?

- Pode me dar uma carona até Itabuna?

- E a assassina aí!? – apontou pra moto.

- Não tem mais gasolina – o fedor de gasolina contaminava o ar - mandarei o guincho...

- Nesse caso, suba na máquina, é quase meia noite!...

Os dois vieram papeando como velhos amigos. O carona contido, Paulo Veneto extrovertido, mesmo assim, eles falaram sobre família, trabalho, mulher, festa, violência no trânsito e futebol. Todos os assuntos tratados an passant, com exceção de futebol, pois ambos os motoqueiros disseram que gostam e praticam o esporte nos finais de semana. O carona disse que torcia pelo Corinthians em São Paulo, Flamengo no Rio e Bahia em Salvador, destoava do piloto, apenas, o clube Bahia, Paulinho deixou claro que em Salvador torcia pelo Vitória.

Na entrada de Itabuna, nas imediações do Los Pampas, Paulinho começou sentir uma sensação estranha, uns picos de calor e frio. Os cabelos em pé, os olhos vermelhos, as mãos dormentes, com alguma dificuldade de acelerar a moto, o tempo começou fechar, um chuvisco fino começou molhá-los, Paulinho ainda comentou:

- Brother, eu acho que estou com febre... arrepios em todo corpo... – fez uma pequena pausa:

- Onde você mora?

- Atrás do Hospital Calixto Midlej, mas não quero lhe dar trabalho, ficarei no início da Amélia Amado... – Paulinho bonachão:

- De jeito nenhum!

Não mais tocaram no assunto, o carona fez do silêncio o sim. Paulinho desceu a Avenida Ilhéus com velocidade acima da média e ao invés de entrar na rua à esquerda, destino bairro São Caetano onde mora, entrou à direita, sentido bairro Pontalzinho, quando chegou defronte ao cemitério, o carona o fez parar:

- Pare, eu vou ficar aqui...

-Aqui, onde!? Aqui é a porta do cemitério meu brother!

- Moro no cemitério! – simultaneamente, desceu da moto, tirou o capacete, o lado esquerdo do rosto estava em carne viva, o sangue começou gotejar no chão... Os olhos, brasas vivas, chispavam de terror, deu as costas ao motoqueiro e atravessou a porta fechada como se porta não tivesse ali, Paulinho gelado de pavor em cima da moto, tentou gritar:

- Sangue de Jesus... sangue de Jesus... sangue de Jesus... – desmaiou.

Os relógios da cidade, naquela hora, marcavam um minuto depois da meia noite. Os vigias do hospital e prédios vizinhos, mais alguns parques transeuntes que passavam naquele momento, lhe prestaram socorro. Ele abandonou o emprego, hoje só vai a Ilhéus em Sol a pino.

Esta história, ele me fez registrar não faz 6 meses e com a condição de não citar o seu verdadeiro nome. Se algum engraçado debocha e não acredita, ele não o condena, mas o desafia:

- Meu amigo, se você tiver tutano, passe lá no cemitério da BR- 415, perto da meia noite, provavelmente, irá encontrar o fantasma da moto!

## **O Fantasma** **R. Santana**

O meu amigo Pedro é pior do que S. Tomé. São Tomé duvidou mas creu na ressurreição quando encontrou Cristo Ele mesmo vendo ainda usa empecilho e dúvida. Não é uma dúvida cartesiana, racional e inteligente. Ele é um niilista sem ser niilista. O niilista nega a verdade absoluta, mas propõe um novo modelo social a partir do zero. Pedro é mais um chato que não acredita porque não quer acreditar, duvida pelo prazer da duvidar.

-Pedro, saímos de Vitória da Conquista com quatro carretas carregadas de café com destino ao Porto de Ilhéus, ao invés de passarmos por Itabuna e pegar a BR-415, pernoitamos em Uruçuca por motivos particulares e o dia ainda escuro, puxamos os carros.

-Se vocês quatro viajavam juntos como só você viu o fantasma?

-Pedro, não se viaja um colado no outro, há um intervalo de tempo de cinco ou mais minutos. Assim que a garota me levou até o carro virado quase embaixo da ponte, voltei para pedir socorro e já encontrava os meus companheiros parados no acostamento, preocupados comigo.

-Sua história estar parecendo de pescador, compra o peixe para arrotar eficiência de pescador. Vocês usam tantos artifícios de segurança, iriam se render aos apelos de uma garotinha, na bruma da madrugada, na beira do asfalto, que poderia ser uma isca? Vai pra lá...

-Não estou lhe pedindo para acreditar. Você que me pediu pela enésima vez para repetir essa história.

-Eu gosto tanto de ouvir suas histórias de caminhoneiro que mesmo não acreditando nelas, espairose-me a alma.

-Pedro se você não fosse meu amigo, eu iria mandar você...

Mudamos de assunto, senão, iria aborrecer-me com o meu amigo Pedro, ele é polêmico, mas aprendi que numa amizade contam mais os defeitos do que as qualidades. Quem não sabe conviver com os defeitos não alcança as qualidades. Ele é ranzinza, enjoado, mas, não conheço pessoa mais prestativa e solidária do que Pedro. Tem um coração que não pode ver alguém sofrer, é capaz de vender a mulher e empenhar os filhos se isto fosse possível para atender às necessidades de um amigo.

A história que lhe contei foi verdadeira, não foi um conto da carochinha. Sei que é difícil acreditar em visagem, assombração, alma penada, fantasma, enfim, cousas do outro mundo, entretanto, existe uma contradição na negação porque quando se nega a existência de um ser, é que o não-ser existe.

Peço que o amigo leitor tenha paciência que irei repetir a história que comecei contar para Pedro.

Pernoitamos em Uruçuca. Tínhamos condições de dormir em Ilhéus. Era cedo quando chegamos à Uruçuca, naquela última quinta-feira, à tarde, do mês de maio de 2004. Porém, um dos colegas tinha residência e família ali; outro uma xodó de priscas eras. Eu e o colega mais novo não tínhamos mulher nem xodó, mas estávamos doidos pra cair na gandaia, tomar umas cervejas e depois dormir enroscado com alguma andorinha da terra.

Acordamos às quatro da madrugada. Tomamos um café, fumamos, fizemos uma vistoria nos carros e partimos. Por ser o mais velho e o mais experiente, o meu carro ia na frente. Juliano, o motorista mais novo e mais moleque, costumava falar:

-Deixe o coroa ir na frente, experiência é posto! - Não gostava de puxar os demais carros, pois teria que ser o mais rápido e o primeiro a enfrentar o perigo. Embora a brincadeira de Juliano fosse de mau gosto, gozando dos meus anos de estrada e de idade, a expressão “experiência é posto”, dava-me fumos de autoridade no volante e enchia o meu ego, já que estava prestes à aposentadoria.

Acredito que viajamos menos de 25 quilômetros. Longe ainda, avistei uma garota loira, os cabelos compridos e escorridos nas costas, pedindo pra parar. Pensei acelerar o carro e passar distante, poderia ser uma isca, nos assaltos, era comum o uso de mulheres e menores para atrair o incauto motorista ou o motorista de bom coração. Porém, fui refreado por uma força estranha e impedido de continuar, parei poucos metros distantes da garotinha.

-Senhor, salve meus pais e meu irmão!!!... Venha, eles estão lá embaixo dentro do carro. – Não pensei uma fração de segundo (não sei se os astrônomos têm um instrumento eletrônico capaz de medir um tempo tão infinitesimal), peguei a garota pela mão e descei a ribanceira para acudir os pais dela e seu irmão.

Era um quadro dantesco sem ser o quadro de Dante Alighieri que só tinha fogo. Um carro da Fiat, quatro portas, tinha arrastado matos e pedras na descida desgovernada de uma ribanceira e virado uma ou duas vezes e quase caído dentro do rio que cortava a



rodovia. O motorista estava desmaiado, debruçado sobre o volante, um menino chorando e uma mulher gemendo e sangrando presa ao sinto de segurança. Voltei-me para garota:

- Espere-me aqui um minuto, vou pedir ajuda aos colegas que estão chegando!

Quando retornei, os meus colegas já tinham estacionado à traseira da minha carreta. Gritei para todos:

- Correm, tem um carro lá embaixo com uma família dentro. – Tem alguma vítima grave? – perguntou Juliano – Não sei, vamos lá! – intimei-os.

Todos desceram rapidamente. Janjão tirou logo o menino que estava com um choro traumatizado. Juliano e Zezéu foram em socorro da mulher, enquanto eu procurava com dificuldade abrir a porta do motorista para lhe prestar ajuda que coadjuvado por Juliano, conseguimos retirar o motorista do carro. Era um homem enorme, que começou gemer à medida que o tirávamos do automóvel.

Além de Janjão ter ido buscar água no seu carro para o menino, telefonou para polícia de Uruçuca solicitando-lhe providências e organizou uma operação de socorro com os carros que iam rumo a Ilhéus, 20 minutos depois, os socorros chegavam em abundância: desde remédios até padiolas improvisadas.

Naquele momento, pensei que todas providências já tivessem sido tomadas quando Zezéu me chama:

- Roberto vem cá!- Tinha subido para o asfalto para agilizar o transporte do pessoal ferido, pois a mulher gritava de dor e pedindo-nos para cuidar dos seus filhos e o seu marido não ficava por menos. Acho que fisicamente, ele estava sofrendo mais.

- Diga Zezéu!...

- Vem cá. Temos mais um problema! – Quando cheguei, Zezéu puxava com cuidado, do banco traseiro, uma pessoa. Ainda não dava para ver o rosto e a idade. Percebi que era mulher porque estava usando vestido. Quando me aproximei, Zezéu completou:

-Roberto não quis lhe dizer daqui para que os pais dela não ouvissem. Mas, esta garota (apontou) está morta! – Estava menos de dois metros de Zezéu, quando num pulo me aproximei do corpo e gritei:

- Não, não é possível!!!... – Zezéu ficou absorto, não tinha entendido a minha reação. Pensou que eu estivesse preocupado com a reação dos pais da pobre garota. Ninguém ia compreender e acreditar em mim, a garota que estava ali estirada era a

mesma que tinha me pedido socorro. Quando Janjão pegou a criança, na agonia, não percebeu que ela estava caída entre o banco de passageiros e as poltronas da frente ou ela não estava lá? Ele jura até hoje, que vira somente o menino que choramingava um choro sofrido. Maior foi o mistério: é que no alvoroço e na balbúrdia, todos querendo ajudar só vir lembrar-me dela quando a encontrei nos braços de Zezéu.

Hoje, quando me lembro de tudo que ocorreu naquele acidente, fico assustado, com os cabelos eriçados, pois tenho certeza que foi aquela menina que salvou a família depois de morta. As pessoas não acreditam, mas foi ela que me fez parar o carro e levou-me até o local do sinistro, com seu rostinho angelical e sua voz delicada e dizer-me:

- Senhor, salve meus pais e meu irmão!!!..

## **O pesadelo**

**R. Santana**

O suor escorria-lhe pelo corpo... A coberta e o travesseiro repuxados e rasgados pelos movimentos bruscos dos pés e mãos de Marcos que na ânsia de se livrar do Dr. G., mexia-se e remexia-se sem parar, enquanto o câncer roia-lhe as entranhas e a alma, mais a alma do que as entranhas. O médico lhe aparecia cuspidando fogo com bocarra assustadora, falando, gritando e deixando-lhe maluco!...

Fazia tempo que Marcos pouco dormia ou nada dormia desde que Dr. G. lhe comunicara o diagnóstico dos exames. Não entendia os desígnios de Deus, sempre lhe tinha sido amigo e fiel, procurou-Lhe no amor e não na dor. Agora, estava perdido, decerto, Deus lhe abandonara...

Não tinha medo da morte, mas se assustava com o sofrimento da doença, com sua nocividade, com sua maneira silenciosa e vil como que minava o ânimo e o corpo com os seus tentáculos de caranguejo, deixando o sujeito sem auto-estima, desnorteado, igual a um lutador de boxe que toma de cheio um soco na frente e não deseja beijar a lona, mas lhe escurecem as cordas e os cantos do ringue.

Dr. G. cuspiu palavras de fogo: “Não existe operação, o seu câncer é sistêmico, você vai se estrebuchar em sangue nesta cama!!!”. Marcos com respiração sôfrega não compreendia: “Hein... hein... hein!?”, Dr. G. mais enfurecido gritava: “Tu vais morrer se desmanchando em sangue!!!”, o mundo caía-lhe sobre a cabeça...

Quando ele soube que tinha câncer, revoltou-se com Deus, não aceitava a mortal doença e atribuía ao Criador sua má sorte, sua desdita, seu infortúnio, que estava sendo castigado, mas não iria Lhe pedir piedade, clemência, nada fizera de mal durante sua vida para que merecesse esse triste fim, renegava o tempo que dobrara os joelhos para Lhe adorar, não O considerava mais Pai, mas um padrasto perverso, desalmado, pouco se lixando para os seus filhos de si não gerados.

Era um homem de fé, comungava com Jesus Cristo quando disse: “Será que alguém de vocês que é pai, se o filho lhe pede um peixe, em lugar do peixe lhe dá uma cobra? Ou ainda: se pede um ovo, será que vai lhe dar um escorpião?” (Lucas 11, 11-12). Portanto, não era justo Deus colocar sobre si aquele pesado fardo, aliás, nunca tinha entendido a crucificação do Seu filho unigênito para redimir os nossos pecados nem essa história de “pecado original” - a fé não lhe embotava a razão!...

A doença lhe quebrara o ânimo, minou sua fé, destruiu sua autoconfiança, porém, deu a Marcos a certeza que o homem é necessário e contingencial, um ser limitado, o homem é suas circunstâncias, as coisas ocorrem por conta das possibilidades contingenciais, isto é, não existe castigo, o sofrimento não é o cutelo usado por Deus para castigar o homem, o mal está inserido no mundo das possibilidades, Deus é a única possibilidade necessária e essencial que existe por si, idéia lógica que subsiste por si, conceito puro necessário à unidade da razão de acordo Kant. Portanto, a dor, o mal e os infortúnios estão inseridos no mundo das possibilidades e não no desejo de Deus, em vão culpá-Lo ou a si.

A felicidade é um estado de espírito, o homem não nasce para ser feliz, mas para ter felicidade, ou seja, o homem não é feliz, o homem está feliz, a felicidade lhe é tirada toda vez que há um desequilíbrio no seu mundo de possibilidades contingenciais e reais que independem de sua vontade.

Marcos mais ofegante, voz grunhida, suor espesso, esforçava-se cada vez mais para responder às provocações do Dr. G., que lhe aparecia, agora, travestido de homem-bruxa, voando em círculos, escanchado sobre uma vassoura, cuspidando palavras de fogo e olhos incandescentes que lhe emprestavam as feições do tihoso: “O câncer vai lhe comer o corpo infeliz!!!”, respondia ao médico na bucha: “Tu és um miserável, agente da morte! Tu és um derrotado, tu vês, impotente, a morte ceifar-lhe o trabalho de anos!... Tu não tens desgosto do nada que tu és diante do infortúnio? Tu não és Deus, tu quanto eu, quanto ele, não passamos de pó!...”

A tensão lhe seria demais se os mecanismos de defesa do seu corpo não reagissem e Marcos não se soerguesse num sobressalto na cama. Sentado, ainda ofegante, assustado, mas de ânimo de renascido, curvou-se de joelhos no chão, chorou e orou, orou e chorou!...

## **Réquiem**

### **R. Santana**

Hoje, acordei com o pressentimento de morte. Não sei quanto tempo vou durar, mas sei que não vou demorar muito neste planeta Terra. Se fosse versado em música clássica como Mozart, começaria escrever a minha música para o meu sepultamento: “requiem aeternam”, na versão dos doutos: repouso eterno! Porém, quem disse ao energúmeno que criou este tal “requiem aeternam”, que eu quero repousar eternamente? Se o movimento, o dia a dia, a atribulação, os desafios e as superações que fazem a vida gostosa e o desejo de viver. O matuto é feliz quando diz: “Se morrer é descanso, eu prefiro viver cansado”.

No meu sepultamento, não ficarei menos feliz se na falta de um Mozart, se alguém providenciasse Roberto Carlos, Chico Buarque ou Milton Nascimento, nossos maiores cancioneiros, enquanto meu corpo frio fosse baixado na terra árida ou o caixão fosse colocado numa gaveta, os parentes, amigos e amigas cantassem “O Senhor é Santo”, “Jesus Cristo” ou “Cálice”, estas canções não me aliviariam descer ao inferno, mas consolariam os corações dos que estiveram comigo até o fim, para os mais crédulos cristãos, o fim do começo, a espera da ressurreição.

Não ficarei depressivo quanto Mozart, que atribuiu o pedido do réquiem ao mensageiro do Destino que queria encomendar uma peça musical para si e não para um conde alemão qualquer, pois o mensageiro sumiu com a mensagem...

Entretanto, não faz jus pela dificuldade, eu pedi à viúva e aos amigos uma missa acompanhada por uma orquestra tocando uma música de Mozart, de Beethoven ou de Joseph Haydn, se estou lhe deixando modestos recursos, portanto, as músicas dos nossos cancioneiros populares, é que preencherão a nave da igreja e também os sentimentos dos meus entes queridos com a mesma força de uma música clássica.

Hoje, a preocupação dos ricos mortais, não é mais com a suntuosidade das missas (os padres encomendam o corpo na pedra fria da funerária), com as músicas

fúnebres orquestradas, mas com a beleza do ataúde, a quantidade de coroas (quanto mais coroas, mais importante é o defunto), a quantidade de flores e a riqueza do mausoleu.

Os pobres mortais satisfazem-se com um caixão que não deixe o corpo no meio do caminho, o canto dos Salmos, uma sepultura na terra fria e a lembrança eterna do seu ente querido.

Mas, o pior de quem vai mudar daqui pra lá, é que do lado de lá é um mistério, ninguém ainda tem prova do que ocorre depois da morte. Os kardecistas alimentam uma vida depois da morte, com o mesmo formato daqui, em que o sujeito continua em atividade após a morte, depois de sucessivas reencarnações para o seu aperfeiçoamento espiritual, seu espírito viverá para sempre.

Cada religião tem um pensamento, o cristão espera a ressurreição, o muçulmano, espera encontrar o repouso eterno no paraíso junto de Alá. O budista espera encontrar um estado espiritual zen, através da intuição e da contemplação. O deísta, o panteísta e o ateu têm concepções diferentes, porém, todos eles não têm certeza do que acontece do lado de lá e ninguém faz questão de morrer, todos eles esperam que a morte chegue naturalmente sem atropelo e desejo.

Não desejo ir para o lado de lá, mas não existe saída, “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, por isto, tenho que pensar num “requiem aeternam”, num repouso eterno mesmo contra vontade. Os amigos, os parentes e os meus inimigos que me sigam, no entanto, desejo-lhes um século para um “requiem aeternam”, já que não sei o que é do lado de lá, mas estou certo que todos haverão de chegar...

Deus criou o homem e tudo que existe, ao homem lhe deu promessa de vida eterna. Qualquer que seja o caminho registra esta promessa, mas se não foi Deus que alimentou o homem a promessa de vida eterna através das Escrituras Sagradas, não é blasfêmia, mas seria melhor que Ele não o tivesse criado.

Porém, não devemos condenar os homens santos que alimentaram séculos essa esperança através da fé, se o homem não tivesse nada para se agarrar, sua crise existencial começaria desde o nascimento, seus dias seriam um inferno, suas tormentas acabariam com a sua morte.

A vida se finda, é a única certeza, não sabemos se a vida finda eternamente ou é o fim do começo para ressurreição ou reencarnação. Se a morte é o fim do começo, valeu a pena toda a crise existencial, todas as agonias terrenas, todos os sofrimentos, mas se não existe vida espiritual eterna, o ser humano não passa de uma coisa abjeta e

desprezível, uma criatura com o mesmo destino de um sapo ou de uma rã, melhor seria que não tivesse tido a História da Humanidade, pois no futuro, o homem irá renegar Deus e construir o seu próprio destino.

A dúvida é cruel, mas vale a pena alimentar a esperança de vida eterna, senão, melhor morrer do que ter nascido.

## **Superstição**

### **R. Santana**

Todo homem é supersticioso, do mais ilustrado ao mais simples, do homem mais valente ao homem mais covarde, enfim, a superstição é da natureza humana, a superstição é atávica. Li alguns anos atrás, em Harold Robbins, que “o homem que não tem superstição não tem alma”, de lá pra cá, sou um supersticioso assumido, pouco me importa se alguém diz que eu sou um bronco, um limitado, um beócio, um abestalhado... Eu tenho as minhas manias: - Eu não como carne Sexta-Feira da Paixão, não passo embaixo de escada, eu me persigno várias vezes quando encontro um gato preto em noite escura, não tomo banho depois do café, acordo com o pé direito e, quando moleque, acreditava em lobisomem e Saci-Pererê.

Com o passar dos anos, as superstições de fedelhos vão sendo substituídas pelas superstições de adultos, mais novas, mais modernas, porém, permanecem lá no recôndito da alma, elas não desgrudam nem o jovem nem o velho, todos os homens têm suas manias, até os malucos não escapam, é comum o dito popular: “cada doido tem sua mania”.

Hoje, o atleta devoto leva o seu santinho protetor para ajudá-lo numa competição esportiva, o empresário consulta o seu horóscopo antes de ir para empresa, o artista acrescenta ou diminui letras ao seu nome para obter sucesso e os famosos têm os seus gurus e os seus fetiches. O pobre toma banho de sal grosso, água-de-cheiro, usa patuá ao pescoço, ou, usa dente de alho no bolso e folha de arruda atrás da orelha para tirar os malefícios, as bruxarias ou afastar o mal olhado.

Coincidência ou superstição, eu tive um vizinho que chutou com bazófia, um ebó, uma macumba, na encruzilhada, numa Sexta-Feira 13, com farofa de dendê, galinha preta, velas de São Cosme e São Damião e um boneco espetado com agulhas. O pobre diabo perdeu a saúde e morreu pouco tempo depois; sua mulher, que além de

chutar, esbravejou impropérios, foi vítima dum “derrame” que lhe deixou os movimentos de um braço e duma perna comprometidos e a fala embolada.

Lá no interior do meu torrão sergipano, quando alguém quer desmanchar um forrobodó, lança pimenta malagueta no salão, instantes depois, o ardente fortum provoca espirros nos forrozeiros e a balbúrdia toma conta e acaba em briga.

Quando moleque, colocava a vassoura com o cabo pra baixo, atrás da porta, toda vez que a minha mãe se sentia incomodada com a visita, não obstante o desdém de quem não acredita, não é que o diacho funcionava!...

Sigmund Freud deixou no papel suas idéias de sonhos, mas prefiro a sabedoria do negro Cosme: “... sonhar com rio, água barrenta, não é coisa boa, agora, sonhar com gado, é saúde, é coisa boa, patrãozinho!”, depois destes e doutros vaticínios, o negro Cosme tomava algumas talagadas de cachaça (a primeira oferecia ao santo) “murcha venta”, sem cerimônia, indicava-me ao bodegueiro como o dono do prejuízo, eu pagava com gosto, pois gostava de ouvir as estórias e as lorotas de negro Cosme, aprendia mais sobre o assunto, com suas bazófias, do que com a sabedoria dos doutos.

O teatro, mundo de sonho e ficção, de que tudo pode, também cultiva suas superstições, o ator pronunciar a palavra “merda”, antes de pisar no palco, é garantia de sucesso, porém, ninguém pronuncia a palavra “Macbeth” para representar a popular peça de Shakespeare, a substitui pela expressão “peça escocesa”, “Macbeth” traz maus augúrios, maus presságios, é sinistro na certa...

Um mau augúrio, entre nós nordestinos, é o grunhido da coruja branca, a “rasga-mortalha”. Se alguém está enfermo numa cama e essa ave agourenta começa o seu canto fúnebre ao amanhecer do dia, o Sol sem ter nascido, a família do moribundo pode se preparar porque é caixão e vela...

Diz a sabedoria popular que a investida insistente de mosca é outro presságio não menos lúgubre do que a coruja “rasga-mortalha” de um enfermo. Não é aquela mosca que importunou o presidente Barack Obama e acabou sovada em sua mão, aquela deve ter “pedigree”, a mosca agourenta é um espécime “vira-lata”, nojenta, chula e asquerosa.

Na última semana junina, usei e abusei de churrasco, calabresa, linguiça, maionese, amendoim, milho cozido, feijão-tropeiro, tira-gosto, batata-frita, cerveja e licor, na beira da praia ilheense, fui parar no PA do Hospital Calixto Midlej, com uma crise hipertensiva que não recuava... Logo, a vizinha avisou à minha família que tinha

ouvido naquelas noites o “canto” da rasga-mortalha. Hoje, a minha superstição tornou-se obsessiva: durmo e penso que vou morrer e acordo e penso que estou morto!...

## **A cobra e a minhoca**

**R. Santana**

O velho Tanaguchi não é a rainha persa Xerazade, mas sua criatividade não tem limite, toda vez que o encontro, ele tem uma história pronta para me contar, e, se o papo se prolonga noite adentro ou ao longo do dia, seu repertório parece que não tem fim, o homenzinho é um repositório de saber, aliás, ele dispensa o “saber” e substitui por “sabedoria”... Justifica que quase não teve escola e o pouco que sabe, ele aprendeu com a leitura do mundo.

Naquela manhã, o encontrei numa praça de jardim bisbilhotando as páginas de um livro, então, provoqueei-o:

- Eis aí o homem dos livros!

- Meu caro Narvil, eu te confesso que é através do livro que viajo pelo mundo passado, presente e futuro. Meus pais foram mal alfabetizados pelos meus avós, naquele tempo, um braço a mais na lavoura era vital, portanto, quando o menino sabia ler e escrever e as quatro operações aritméticas, ao invés de uma nova caneta e um novo livro, era lhe dado uma enxada, uma estrovinga, um facão... Mas, que tu fazes aqui, não trabalhas mais!?

- Oh, Esopo dos tempos modernos! Não lembras que como tu, eu sou um vadio institucional?

- Não vos dizeis bobagens, eu e tu já produzimos muito para este país de homens de má fé, é legal e justo que no ocaso da vida, quando não somos mais força de trabalho, morramos... – eu o interrompi:

- Meu velho, tu deixes de churumelas e me conte uma boa história!

- Não sei se é boa, mas gosto muito da história da cobra e da minhoca que ocorreu no tempo em que os animais falavam e a cobra não tinha a visão perfeita de hoje!

- Desembuches, ó homem!

\*\*\*



## A cobra e a minhoca

- Bom dia, dona Cobra! – a cobra olhou o impertinente por cima dos óculos...

- Quem és tu?

- A Minhoca!

- Como atreves verme sujo, perturbar o meu ócio!

- Eu não sou sujo, estou sujo, a terra é meu suor!

- Além de verme desprezível, és insolente!

- Na natureza dona Cobra, cada espécime tem o seu lugar, somos responsáveis pelo seu equilíbrio, todos nós somos necessários!

- Eu sou o símbolo da medicina, da enfermagem, eu represento o bem e o mal, a esperteza, tu és, apenas, isca de peixe! – cheia de empáfia.

- É o ciclo da natureza: eu me alimento de húmus, deixo o vento e a água passarem pelos meus túneis, assim, levo vida à terra e aos vegetais, sou dada ao peixe, o homem se alimenta de peixe, morre e volta pra terra!

- Tu queres posar do bem, mas tu estragas barragens e diques com o teu fuça-fuça e prejudica o homem. O meu cuspe dá vida e serve para minha autodefesa, afora me alimentar de espécimes nocivos à natureza. Tu nunca vais ser mais útil!

- O meu fuça-fuça estraga o concreto, mas não mata o homem, além disto, dou-lhe saúde e beleza, jamais lhe feri de morte nem nunca o atraíçoei...

- Verme nojento, tu não conheces a história da vida, não sou traíçoeira, ajo em autodefesa, quem traiu o homem no Éden não foi a serpente, o Diabo a usou para que Eva e Adão cometessem o primeiro pecado!

- Há 500 milhões de anos conheço essa história de desobediência a Deus, porém, vós não deixastes de ferir o calcanhar do homem e tua cabeça esmagada, além da maldição de vos rastejardes sempre!

- Ser desprezível, nunca houve maldição... O Diabo usou a serpente para o seu propósito espiritual, cada ser tem sua natureza e forma, tu, por exemplo, és asquerosa e segmentada, nunca vais ser cobra, tua sina é furar a terra, portanto, ides antes que me aborreça! – não demorou, surgiram alguns caçadores na mata, a cobra preparou o bote, mas foi advertida pela minhoca:

- Se ferirdes um, serás cortada em pedaços pelos demais, não sejas imprudente, dona cobra!

- Faço o quê!? – apavorada...

- Penetres comigo naquele túnel!...

\*\*\*

## **MORAL**

A necessidade diminui a diferença, o orgulho, o preconceito, excita a prudência e o bom senso.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Licença: Creative Commons

## **A cobra e o teiú**

**R. Santana**

Naquela manhã que não vai muito longe, encontrei o velho Tanaguchi na Praça Olinto Leone em Itabuna. Não foi um encontro acidental, sabia, a priori, que o descendente de pais da “Terra do Sol Nascente” estava ali, fazendo o que mais gostava: ler e refletir. Fiz-me surpreso:

- Quê faz aqui homem dos livros!? – o velho olhou-me com cara de poucos amigos, mas relaxou:

- Estou lendo “Histórias da Bahia” de Jolivaldo Freitas. É um livro de crônicas humoradas da cidade soteropolitana – fez uma pausa e continuou:

- Narvil, o poeta teve razão quando afirmou: “... o Céu é do Condor, a Praça é do povo!” A praça é uma coisa mágica Narvil, aqui, sentam-se ricos, pobres, pretos, brancos, amarelos, bons e maus, todos unidos pela magia da praça. Todos são velhos conhecidos e desconhecidos ao mesmo tempo. Cada um tem sua história... Se alguém puxa conversa com seu parceiro de banco da praça, dentro de poucos minutos, suas vidas tornam-se comuns – de repente, perguntou-me:

- E você? – eu não entendi, ele percebeu:

- Tu fazes aqui, o quê?

- Ah! Vou ao Banco do Brasil, pagar minhas faturas!

-Não tenho preocupações com essas coisas, moro com meu filho, dou-lhe o dinheiro da aposentadoria, ele que se vire!

-É por isso, velho nissei, que você ler o tempo todo, não tem preocupação cotidiana! – brinquei.

-Engana-se Narvil, trabalhei na lavoura como um louco no interior de São Paulo, mas nunca me desgrudei de um bom livro, lia-o no horário das sextas, o genial Monteiro Lobato disse que: “Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”, portanto, meu amigo, o ócio não me fez leitor nem pensador, mas me fez mais leitor e mais pensador – fez uma pausa e falou:

-Dizes aí lagartense? Tu não estás aqui por acaso! – o velho é perspicaz, fiz-me de desentendido...

-Filho de oriental, não é o que vos dizeis!

-Estou brincando, Narvil! – aproveitei seu espírito desarmado e o cutuquei:

-Tanaguchi, tu estás me devendo a história: ”A cobra e o teiú”, que tu começastes naquele dia e não terminastes!

-Diz a sabedoria popular: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Por isto, escuso-me quando posso, de não recontar história que li em algum lugar...

-Pelo menos, desta vez, homem dos livros!

-Não sei se me lembro dos detalhes, mas vamos lá!...

\*\*\*

#### A cobra e o teiú

-Por aqui dona cobra? – saúda-a o teiú.

-A fome é a mãe de todas as necessidades...

-Espero que não me dê um bote!

-Não, não será necessário, não muito longe daqui tem uma lagoa com sapos apetitosos – completou:

-Além disto, amigo teiú, os nossos embates são violentos!

-Não seja modesta dona cobra sua picada tem derrubado muitos homens, seu enrosco tem amassado os ossos de muitos animais!

- Folclore...

- Folclore?

- Folclore, meu amigo teiú, o que mata é o susto, não a picada!
- Eu quero prova, dona cobra!
- Vou lhe dar...
- Que é de a prova!?
- Amigo teiú, só é possível se me ajudar!
- Como, ó espécime do bem e do mal?
- É fácil...
- Fale, senão, irei voltar para minha toca! – a cobra cochichou no ouvido do teiú,

ele de pronto concordou e lá se foram para beira da estrada.

Certo viandante passava despreocupado pelo caminho quando sofreu uma fisgada no calcanhar, olhou de lado, viu um enorme lagarto, o caminheiro fez um rapapé e o lagarto se escondeu dentro do mato. Tempo depois, surgiu na mesma estrada outro viajante que sofreu, também, uma pontada no calcanhar, quando se vira, um enorme jaracuçu, o susto foi enorme e foi-se ao chão!...

A cobra comentou:

- Eis aí a prova meu amigo lagarto, você mordeu e apareci, o viajante morreu e o contrário o viandante fez pouco caso.

\*\*\*

## **MORAL**

- Faça sua fama e deite-se na cama – arrematou Tanaguchi.

### **Franga saradona R. Santana**

Não foi por acaso que encontrei o velho Tanaguchi, novamente, na Praça Olinto Leone, dizer que foi por acaso seria faltar com a verdade aos meus estimados leitores, não faria isso nem pra ganhar a sorte grande da Mega-Sena ou o prêmio Jabuti, é que “a palavra voa, a escrita fica e o exemplo permanece”, portanto, mentir não é bom exemplo, conheço todos os hábitos do velho Tanaguchi e parodiando o dito a Maomé: “Se Tanaguchi não vai a Narvil, Narvil vai a Tanaguchi”, acrescento ainda, que o velho estava bem humorado e recebeu-me cheio de pilhéria:

- Lá vem o bisbilhoteiro do conhecimento!

- Você quis dizer curioso, né?
- Além de mexeriqueiro e intrometido...
- Se é assim, fui! – zangado.
- Estou brincando Narvil, gosto de sua bisbilhotice, incita a minha imaginação –

continuou:

- Hoje, estou alegre, descontraído, ainda não percebeu?
- Percebeu o quê?
- Estou menos formal, não usei os pronomes e os verbos na 2ª. pessoa como dantes, eu estou brincalhão e você quer contrariar meu humor?
- Desculpe-me Tanaguchi, estou uma pilha!
- Para lhe relaxar, vou contar a fábula da “Franga saradona”, quer que lhe conte ou não?
- Claro, ó homem dos livros! Que o meu mau humor vá para as Cucuias!
- Então, sente-se e ouça:
- Em uma fazenda não muito longe daqui uma franga tinha desde cedo um comportamento diferente: ciscava bastante, brigava com as galinhas, ranzinza, criava caso com os pintos, com os frangos, com as frangas, com as galinhas e só esbarrava na autoridade do galo, não por medo, mas por admiração porque um dia seria, também, galo daquele terreiro.

Seus pais preocuparam-se desde cedo com o comportamento estranho da filha e levaram-na a vários especialistas da mente, todos foram unânimes no diagnóstico: megalomaníaca, superestima e concluíram que a franga não era frango, mas uma fêmea igual às outras, exceto, na personalidade exacerbada.

A franga não ficou contente com o diagnóstico, não tinha nada de cabeça, apenas pensava como um galo, isto não é doença, mas uma opção de vida, portanto, ia buscar na ciência médica, complementos físicos que lhe faltavam e contratou os serviços dos doutores Zé Galo e Zizi Pavão – aí, eu o interrompi:

- Meu caro Tanaguchi, os médicos não diagnosticaram que seu problema era de super autoestima, pra que mais médicos?
- Médico de físico é outro, continue ouvindo:
- Doutor Zé Galo fez as cirurgias plásticas: aumento das cristas e o implante de esporões pontiagudos para defesa e ataque e conformou o pescoço; a Drª. Zizi Pavão cuidou da beleza: hormônios para tornarem as penas mais brilhantes no pescoço, asas e

costas, encompridar as penas do rabo e para o crescimento, enfim, eles deixaram a franga um “galo”.

Fez-se no galinheiro uma grande festa para apresentação do novo “galo”... Todos os galinheiros circunvizinhos foram convidados, no auge da festa o mestre de cerimônia anunciou o canto dos machos velhos e o canto do novo “macho”, os machos velhos estridularam seus cantos com um som agudo e penetrante:

- cocoricó, cocori, cocori, cocoricó, cocori, cocori!!! – os machos velhos fizeram seus cantos serem ouvidos por toda fauna arredor, mas quando o “macho” novo cantou...

- có, có, có, có!... – o som foi grave e abafado, uma vergonha, protestou o galinheiro, não era canto de macho, a franga não era macho, um engodo, uma falsidade, propaganda enganosa!!!

O novo “galo” ficou-se e chocou, chocou, chocou...

- Eis aí a lição meu caro Narvil: mexe-se na aparência da criatura, mas a natureza é obra de Deus.

## **Eutanásia**

**R. Santana**

### I

Tomamos um susto naquela tarde de fevereiro de 2006, ao entrarmos no quarto 106 do hospital Dr. Caio Martins. Eu e Maria estávamos procurando um colega de longas eras, que tinha tido um acidente vascular encefálico (AVE), vulgarmente, derrame cerebral. Lembro-me que na soleira da porta comentei:

-Maria, o professor Carlos não está neste quarto! – ela, mais ativa e despreendida, entrou no quarto, olhou para os internos e disse:

-Acho que o moço da recepção nos deu o número errado! – conjecturei:

-Ele pode ter tido alta médica... – uma enfermeira passava no momento:

-Moça, por favor, o professor Carlos Botelho já saiu do hospital?

-Não, ele está no 106 (apontou), na primeira cama, logo na entrada! – Maria, ainda sem entender, perguntou-lhe:

-Mas... aquele velho é o professor Carlos Botelho?

-Sim.

Ficamos atônitos, voltamos ao quarto 106 e verificamos amiúde que um dos pacientes do 106 era realmente Carlos Botelho. Ele era um homem que antes da doença, aparentava menos de cinquenta anos, mas naquele estado, tinha envelhecido uns vinte anos. Os cabelos e a barba encanecidos, as pálpebras caídas, as bochechas e o queixo fino, tipo Noel Rosa, três dedos amputados por causa de uma trombose a posteriori ao acidente vascular cerebral, magérrimo, com a perda de movimento de um dos braços e perda total da fala, usando fraldas, enfim, um homem transformado e modificado em pouco tempo, pela doença e pelo sofrimento.

## II

-Alô, alô... gostaria de falar com quem? – do outro lado da linha, uma voz de mulher, não familiar:

-Quero falar com o professor Ricardo, ele está? – ainda não a tinha reconhecido:

-Sou eu, quem gostaria de falar? – estava nervosa:

-É Cal, Ricardo! Não reconheceu a minha voz?... – desculpei-me:

-Você está com a voz de menina, como poderia adivinhar? Depois que você mudou para apartamento novo ficou toda metida (risos), nunca mais deu o ar da graça!...

-Não é nada disso. Tenho que acompanhar o estudo dos filhos, trabalho um turno fora, cuido dos trabalhos de casa e Carlos dá aula nos três turnos em dois colégios, é uma luta!...

-Desembuche Cal, qual a razão do seu nervosismo? – tergiversou, disse coisa com coisa, depois foi ao assunto que a estava incomodando:

-Vocês saíram muito tarde, ontem à noite, do bar Carne na Brasa?

-Vocês quem?

-Você, Carlos, Antônio, Edu... – fui inepto:

-Cal, ontem não fui a nenhum bar e seu marido, têm umas duas semanas que não o encontro! Ouvir um palavrão do outro lado da linha:

-Filho da puta, ele chegou ontem pela manhã, bêbedo e disse-me que estava com você e os demais!... - não podia mais consertar, estava na casa do sem jeito. A emenda poderia ser pior do que o soneto. Ela confiava em mim, não poderia confirmar a mentira

de Carlos, mesmo ele sendo um dos meus melhores colegas, apenas, remediei doutra forma:

-Cal, deixa Carlos arejar a cabeça, afinal, ele trabalha de segunda a sábado, senão, ele pode ter um esgotamento nervoso.

-Eu entendo Ricardo, porém, ele não anda bem de saúde, fuma mais do que come e não procura se cuidar. Já marquei médico e exames, ele faz por fazer, mas não segue nenhuma prescrição médica, continua fumando e bebendo.

-Peço-lhe que não faça nenhuma admoestação. Com habilidade e carinho, insista para que ele se cuide, afinal não é criança. Porém, tem gente que não gosta de pressão. Use seu jeitinho feminino...

-Obrigado Ricardo, estava para estourar. Acho que seu conselho pode dar resultado, tchau!...

### III

Mais uma visita que me deixava arrasado psicologicamente. Cada dia, agravava o quadro de saúde de Carlos. Seu pé esquerdo estava roxo e infeccioso pelas complicações da trombose e os médicos já tinham esgotados todos os recursos do tratamento e o único recurso seria amputá-lo para não afetar a perna.

Era um quadro deprimente. Mais depressivo e impotente, ficavam seus amigos e familiares. Carlos pouco e pouco ia se tornando um espantalho de gente.

Embora o derrame cerebral tivesse atingido a região da fala (ele não falava, com muito esforço grasnia alguns sons de corvo), ele chorava seu pranto, principalmente, para reclamar a presença da mulher, ou quando chegava um colega querido, que ele o reconhecia mas não podia falar, externar seus sentimentos de alegria e papear.

### IV

Quinta-feira, janeiro de 2002, à tarde, Dr. Eugênio Santillo fazia no auditório do Edifício Pedro Américo, uma palestra para os trabalhadores da saúde e da educação da região Sul da Bahia, em Ilhéus, sobre os controversos temas da Bioética e do Biodireito: a eutanásia e suas formas, a distanásia e o suicídio assistido.

Mais de uma hora de palestra, explicando esses assuntos, sob a ótica jurídica e ética. Dr. Santillo encerra seu discurso, externando sua opinião pessoal: "...que o homem não tem direito sobre a vida de terceiros, mas se lhe é dado o livre arbítrio de



viver, que lhe dê o livre arbítrio de morrer. Se alguém toma a priori essa decisão, que se acometido de uma doença incurável e sofrida ou mesmo durante o processo de uma enfermidade crônica, os profissionais da saúde e a família têm que eticamente cumprir o último desejo daquele que sofre e quer ter uma morte breve e digna”.

Eu e Carlos tínhamos sido designados pela nossa escola como agentes multiplicadores do evento. Nós teríamos que repassar para os demais colegas, todas as informações e os conhecimentos vistos naquele seminário de “Educação e Saúde I”, ministrados naquela semana de janeiro, por vários especialistas, conforme o assunto. Lembro-me que Carlos ficou impressionado com a palestra de Dr. Eugênio Santillo, não sei se por premonição, presságio, ou pela qualidade intelectual e oratória do palestrante.

-Bicho, tenho o mesmo pensamento desse médico. Se eu tiver uma doença incurável, quero abreviar a minha morte.

-Carlos, é uma decisão difícil para família, notadamente, para os filhos e os pais.

-Bicho, eu não tenho mais pai e nem mãe. Já avisei a Cal, Gustavo e Priscila que não me deixem sofrer. Se eu estiver lúcido, tomarei a iniciativa.

-Hum!... Você está com astral de moribundo. Vamos deixar essa conversa de eutanásia e morte para quando chegar o dia. Pensamento positivo, ave agoureira!...

-Ave agoureira é a puta que te pariu. O meu pai morreu entrevado numa cama em meus braços, sofri com ele. A morte assistida pode ser um conflito de consciência para os parentes próximos e os agentes de saúde, todavia, é a única forma digna de morrer quando o mal é de morte!...

-Você se esqueceu que tem pouco tempo que enterrei uma filha? – ele se arrependeu da verbosidade intempestiva – Oh Ricardo, desculpe-me, é que ainda me lembro do sofrimento do meu velho. Mas sua labuta com Paola, deve ter sido mais sofrida. Enterrar filho é mais dolorido porque está na contramão da natureza.

## V

- Cal, sei que o momento é impróprio, mas gostaria de lhe falar em particular!...  
– falei-lhe num momento de dor.

-Fique à vontade Ricardo, você é nosso amigo, Carlos muito lhe estima.

-Lembra-se que há uns quatro anos, eu e Carlos participamos de um seminário em Ilhéus?

-Claro, na época eu fique fula da vida por não ter ido com vocês.

-É... que... naquele seminário, Carlos estava com umas conversas esquisitas...

-Já sei, você quer falar da eutanásia?

-Sim. Carlos também lhe falou?

-Falou e olhe no que deu!

-Por favor, esqueça a nossa conversa. Acho que fui inconveniente tocar nesse assunto neste momento. Ele está sofrendo tanto e, ele me disse naquela época que não queria...

-Por que razão, eu devo esquecer? Comungo com suas preocupações. Carlos também deixou claro para mim e os filhos como gostaria de morrer. Parece-me agora, que estava vaticinando seu fim. Mas, pensa você que irei obedecer-lhe? Não! Não irei obedecer-lhe por motivos de foro pessoal, porque temos uma história juntos, por convicção religiosa, além disso não existe respaldo jurídico e por achar que cada um aqui tem uma missão. Se temos que sofrer, que saibamos sofrer com dignidade. O nosso corpo é uma caixinha de segredo. Quantas vezes a ciência médica já falhou? Enésimas vezes, então, meu caro Ricardo, sempre haverá um luzinha no fim do túnel e a estamos enxergando, mas lhe agradeço pelas preocupações, entendo como um desengano de sua consciência. Obrigada!...

-Cal, fico feliz por você pensar assim. Nunca fui a favor da eutanásia, temos que esgotar a última gota de esperança. As pessoas que falam em eutanásia, pena de morte, aborto, suicídio assistido e outros métodos de por fim à vida, não têm Deus no coração ou nunca sofreram na pele ou têm uma mente criminosa. Acho que se Carlos, hoje ficasse bem de saúde, não mais pensaria nessas teorias malucas. É aquela história: “pimenta no olho do outro não arde.” – Cal entendeu as minhas preocupações e fiquei exultante de alegria porque, ela e os filhos tinham idéias e convicções religiosas diferentes das dele.

## VI

Maria insistiu para que fossemos visitar naquela tarde, último sábado de março de 2006, o professor Carlos. Não lhe falei da conversa que tinha tido com Cal, estava com um pontinha de vergonha por ter-lhe tocado naquele assunto, porém, ela tinha me assegurado que entendia como um desengano de consciência. Por isto, eu e Maria fomos ao hospital.

-Maria o professor Carlos foi transferido para o quarto 112, mas não se encontra lá, um paciente informou-me que ele acaba de entrar em coma e subiu (a CTI ficava no andar superior) para CTI. – Maria ficou arrasada. Nós já tínhamos sabido que além dos três dedos que tinham sido amputados, os médicos tiveram que amputar boa parte do pé que necrosou. Com sua ida para o Centro de Tratamento Intensivo-CTI, as coisas iam ficar mais difíceis.

-Ricardo, Cal está aí. Ela me disse que o problema da trombose agravou-se e depois da amputação da parte do pé, ele teve febre e foi levado às pressas para CTI com suspeita doutro derrame cerebral.

-Maria, acho que o nosso amigo Carlos vai pra cidade de pé junto, a coisa está feia...

-Deus é o dono da vida. Ele tem que se apegar ao Salmo 23 que diz:

**“...Embora eu caminhe por um vale tenebroso,  
nenhum mal temerei, pois junto a mim estás:  
teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo...”**

-A vida Maria, às vezes, não vale a pena ser vivida. Quando já não temos controle sobre as nossas ações, os nossos desejos e temos que recorrer às pessoas até para realizar os nossos desejos primários, é melhor que partamos...

## VII

Um ano depois.

Tem gente que não acredita em milagre. Prefiro acreditar que existe. Como explicar a saída de uma pessoa que vagou na sombra da morte por vários meses e um ano depois, está praticamente saudável e quase sem nenhuma seqüela? Não tem explicação. É a mão do Criador manifesta. É a prova incontestável que a ciência e os cientistas têm suas limitações.

Carlos, hoje, tem uma vida quase normal, afóra alguma dificuldade na fala e nos reflexos motores, ele está lúcido, lendo mais do que escrevendo e passeando de quando em vez com a família.

Embora nunca tivesse partilhado com as idéias de Carlos sobre a eutanásia e em especial com o discurso de Dr. Santillo que é uma autoridade médica com vários

trabalhos científicos publicados. A eutanásia, o suicídio assistido e outras formas de ajudar morrer, é para quem perdeu a fé em Deus, a autoestima e a vontade de viver. E, principalmente, para àquelas pessoas de fácil verborreia e que nunca em seus braços um ente-querido seu esvaiu-se para eternidade.

Quando me lembro da conversa que tive com Cal, coro de vergonha, só não me enrubesco mais pelo fato dela ter me tranquilizado que todos em sua casa conheciam o desejo de Carlos.

Hoje, tenho medo e pena daquelas pessoas que com aura sapiente se arvora como dona da verdade, simplificando esses assuntos para sociedade.

### **Diálogo de esqueletas**

**R. Santana**

Caro leitor, eu juro por Nossa Senhora de Caravaggio, não a Nossa Senhora de Caravaggio de Farroupilha, mas a original, a Nossa Senhora de Caravaggio italiana, que tudo que vou contar é verdadeiro, aconteceu em um encontro de duas esqueletas, se por acaso tu és ateu, não acreditas na minha madrinha Nossa Senhora, juro pela Morte que tu não hás de negar!...

As duas ainda não tinham chegado ao paraíso, ao inferno ou ao céu, porém, perambulavam num nimbo distante da terra. Uma quase com o dobro da idade da outra, todavia, ambas jovens e bonitonas. Uma, baixa, rechonchuda e alegre; a outra, alta e esquelética, porém, as duas muito simpáticas. A esqueleta gordinha trajava discretamente; a esqueleta magérrima trajava um elegante vestido de tubinho de panos finos:

- Bom dia, senhora!
- Bom dia!
- A senhora é daqui?
- Ninguém é daqui, estou passando uma chuva! – acrescentou:
- Não gosto desse negócio de “senhora”, meu nome é Maria!
- Desculpe-me, é o costume...
- Não se desculpe menina... e o seu?
- Hein!?
- O seu nome?

- July!

Maria mais despojada, mais extrovertida, contou em poucos minutos, alguns lances de sua vida terrena, quantos filhos teve, a saudade do xodó, as festas que ela participou, os admiradores que deixou, mas sentia falta mesmo, era da feijoada, da buchada, da rabada, dos miúdos, do peixe no caldo de coco e dendê, do caldo de pitu, da bacalhoadá, da lambreta, do chope, da caipirinha, do murcha-venta e, dos forrobodós de finais de semana:

- Nega (July era nome de grã-fino, alegou), conheci muitos homens, namorei à beça, chifrei a maioria até ser fisgada pelo negro Zé, comi e bebi o quanto pude!...

- Maria (mais íntima), quem lhe trouxe para este lugar?

- O filho da puta do Zé!

- Como assim? – July, agora, puxava conversa.

- Depois de uns Whiskys, o negro virou o carro! – Maria quis saber:

- E você, nega?

- O meu “personal trainer”, a minha nutricionista e o mundo da moda...

- Oxente, a menina é modelo!? – E, completa:

- Já sei, lhe empurraram a dieta de frango ou peixe, salada ou arroz integral, adoçante e pouco sal e nada de fast-food... não foi? – não esperou a resposta:

- Esses filhos duma mulher solteira, lá embaixo, viram e reviram a cabeça dessa gente tola! – July se espinhou:

- Eh mulher, eu não sou tola!

- Não?... – Completa:

- Você se olhou, hoje, no espelho!?

- Claro!!!

- Não parece...

- Desembuche!

- Não precisa, nega!... – Maria continuou reticente.

July, esqueleto novo, perspicaz, inteligente, mas de idade impulsiva, entendeu as indiretas de Maria, é que não obstante ser nova, o tempo anoréxico deixou-lhe esfrangalhada e estropiada enquanto a colega, mais velha e mais irreverente, estava mais disposta e mais em cima, por isto, lhe continuou provocar:

- Eu não gosto de sua maneira reticente!

- Nega, é o meu jeito!

- Vai pra lá com seu jeito de merda!!!

- Não me grite!
- Daí!... Você vai me bater?
- Não! – completa:

- Porém, não serei obrigada conviver com você no mesmo nimbo. Eu irei embora na próxima nuvem, pois não sou culpada de ter estragado o seu corpo com sua vaidade de mulher bonita desmiolada. Ademais, os promotores e agentes de moda, do outro planeta, continuam aliciando outras meninas com promessas de modelo de beleza ideal, sacrificando-lhes a alma e o corpo. E, ao invés de você descer lá e aconselhá-las, quer vir me importunar.

Dois quartos de hora depois:

- Maria, não me deixe! – acrescentou:
- Quero lhe fazer uma proposta, posso?
- Se não for...
- Não, não é indecente, é de bem-querer...
- Não me deixe em suspense... é o quê?...
- Quer ser minha mãe emprestada?
- Ah, ah, ah, ah!...
- O que foi!? – July cismou...
- Nada. Apenas, fiquei assustada!
- Qual a razão desse susto, mulher!?
- Por pouco, você estranhou...
- Você tem razão, reconheço que estou um caco!
- Não exagere!
- Desculpe-me, mas não me deu a resposta!
- Precisa?... – Não esperou resposta:

- Mãe é bênção, é a natureza feminina de Deus! Quem não se sentiria honrado com esse apelo?... - July não esperou mais nada, correu para os braços de Maria e as duas se afagaram e se beijaram.

O céu e o povo daquele nimbo testemunharam e celebraram a história de mãe e filha daquelas esqueletas que durou para sempre.

**Nota:** A palavra “esqueleta” não deve ser tomada como erro ortográfico, mas um “neologismo”...

## **D. Morte**

### **R. Santana**

A morte é uma bicha traiçoeira, quando menos se espera, ela bate na porta do ser vivente, independe de idade: criança, jovem, adulto, velho, todos estão em sua lista desde o nascimento, uma coisa é certa: “Quem moço não morre, velho não escapa”. Não se pode dizer que a morte é preguiçosa, ela trabalha diuturnamente.

Alguns caricaturistas representam-na como um ser esvoaçado com uma grande foice; outros, um ser encoberto por uma capa preta com uma foice no ombro; há ainda quem a represente com duas foices em xis, com asas e flutuando; os gozadores representam-na sentado no esqueleto de um reles pangaré ou ostentando um grande relógio numa das mãos e a maldita foice na outra, alertando: - Olhe sua hora!...

Ninguém gosta de fila. Fila de banco, fila de lotérica, fila de médico, fila de hospital e outras filas são ojerizas de todos os mortais, de quando em vez, espertinho é repellido quando usa a Lei de Gerson para ser atendido primeiro, mas a fila da eternidade nenhum espertinho quer ser o primeiro, pelo contrário, cede com presteza o seu lugar:

- Se o senhor quiser pode ir. Eu não tenho pressa...

- Não! Eu não furo fila, é sua vez, eu tenho todo tempo do mundo... – completa:

- se lá for bom o senhor venha me dizer! - ninguém tem pressa...

Até Jesus Cristo no seu momento humano de angústia e aflição, antes do beijo de Judas, teve pavor da morte, dizendo: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lucas 22:42).

Para os ateus, a morte não é uma passagem para outra vida, mas o retorno da matéria á sua origem e a fluidez de energia concentrada num corpo. Para alguns religiosos, uma evolução do espírito; para outros, o homem morre porque é pecador, limitado, São Paulo enuncia: “Por que o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” ( Romanos 6:23).

Os gregos, os romanos e os povos orientais renderam-lhe tributos em suas mitologias deístas: Tânatos, Kali, Shinigami e Yama etc. Tânatos deus da morte de coração duro, filho de Nix, deusa da noite e Hipinos ou Érebo, a noite eterna do Hades. O hinduísmo tem o seu deus da morte, personificado por Kali, uma mulher escura com um colar de crânios e braços decepados, um horror!... Shinigami é o deus da morte dos

japoneses, pra cada tipo de morte, é um deus diferente, ele leva a alma humana para o outro mundo. E, Yama é o senhor da morte dos indianos.

Os poetas e os ficcionistas de todas as gerações falaram da morte pessoalmente ou através de seus personagens. A escola literária romântica foi quem mais descreveu a luta, a angústia e o drama existencial do ser humano e o medo da morte. Os seus representantes se afogavam na boemia, na bebida, no nacionalismo exacerbado, no amor utópico, no amor ideal, nos prazeres da carne, nas volúpias e não foram poucos os que morreram, prematuramente, pelo “Mal do Século”.

Lord Byron teve premonição de sua morte, Mozart compôs o seu Réquiem, Augusto dos Anjos cantou tanto a morte que recebeu o título: “O poeta da morte”. Mário Quintana, também, escreveu sobre o amor, a vida e a morte. Machado de Assis “imortalizou” a morte com o seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Brás Cubas, depois de morto, escreve suas memórias com palavras sarcásticas, irônicas, fúnebres e começa o seu livro deixando ao primeiro verme que lhe comeu esta dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosas lembranças estas Memórias Póstumas”.

O melhor livro de Jorge Amado: “A morte e a morte de Quincas Berro d’ Água”, ao contrário de Machado em que Brás Cubas destila o seu humor negro, Quincas, um antigo funcionário público, morre três vezes (morte moral, morte natural e morte no mar), ao lado dos seus amigos, regado de muita cachaça e música.

Porém, a morte não é tão má, tem o seu lado folclórico. A consciência coletiva registra mitos e estórias humoradas, aforismo, de uma morte bonachona e boazinha, veja:

Num lugar bem distante, no outeiro de uma serra, morava um casal ainda não maduro. O homem, um destemido lavrador; a mulher, cuidava da casa e das criações. Viviam para o trabalho de sol a sol, com exceção do dia de domingo quando eles iam a cidade louvar a Deus e comprar o feto e a carne-de-sol da semana. Certo dia, D. Morte bate no barraco do casal e pergunta à mulher pelo paradeiro do seu marido. A mulher atabalhoada, responde-lhe que o seu marido àquela hora, deveria estar lavrando a terra ou no cabo do machado cortando lenha. Sisuda, com as faces descarnadas, vestida de preto, deixa-lhe um recado: -Avisar ao seu marido que no próximo inverno virei buscá-lo, dou-lhe esse tempo para descansar! – num piscar de olhos, desapareceu...

O tempo passou, o lavrador redobrou-se no trabalho, sua mulher o admoestava:



-Homem, D. Morte mandou-lhe descansar, pára homem!... -Mulher, “cavalo de corrida morre na pista”, não vou ficar esperando D. Morte na cama, morte é morte, não é? – colocava o embornal nas costas e se mandava pra roça. Os dias se passaram e as estações do ano também e quando o tempo chegou D. Morte bateu na porta do lavrador para levá-lo, mas não o encontrou. A mulher questionada repassou-lhe o recado do marido e D. Morte, ao invés de levá-lo, admirou-lhe a coragem e não lhe tirou a vida por uma centena de anos...

Porém, quando alguém lhe quer engambelar:

Um velho enfermo recebeu a visita de D. Morte. Ele choramingou, implorou, pediu-lhe mais um tempo, pelo menos que lhe deixasse viver até o aniversário da netinha... D. Morte derreteu-se de dó, quê significava mais uns dias? Nada! Nada demais satisfazer o pedido de um avô e deixou o pobre diabo em paz. Os dias se passaram, o velho rijo, vendendo e emprestando saúde fez o aniversário da netinha e gozou da festa. Final de festa, todos recolhidos aos seus aposentos, o velho também, D. Morte lhe reapareceu para cobrar o trato. O velho ardiloso, tratante, pediu-lhe mais tempo, queria ver a nota formada... patati... patatá... patiti... patatá... e joga conversa fora em D. Morte... Então, estressada de muito trabalho, preveniu o velhaco: - Tudo bem! Você me pegou de boa maré, quando for sua hora me chame!... Os dias se passaram. O puto velho, mais alegre que “pinto no lixo”, caiu na gandaia, na bebedeira e na esbórnia, trato esquecido... Certo dia, na mesa de um bar, passa D. Morte encarnada numa morena de tirar o chapéu: bumbum empinado, peitos furando o sutiã, cabelos cor de graúna, rebolando num salto quinze, aí o velho não aguentou:

-Mata o velho!... Mata o velho!... .Mata o velho!...

E o velho morreu! Não se engambela D. Morte...

## **Deus não existe**

**R. Santana**

### I

Doutor Bruno Santieiro, suava por todos os poros, embora dominasse todas as técnicas de cirurgia do coração. Aquele paciente que já tinha feito uma angioplastia algum tempo atrás, agora, com duas veias obstruídas e um quadro clínico não muito favorável, não dava fôlego ao cirurgião numa by pass e se não fosse a perícia e a destreza inquestionáveis do jovem médico, sua equipe, e uma parafernália de instrumentos e aparelhos de suporte e uma mãozinha de Deus, aquele paciente já teria ido pra cidade de pés juntos.

Embora a cirurgia tivesse oferecido alguma dificuldade, a intervenção humana tinha sido um sucesso, daí em diante, médicos e família, aguardariam os recados da natureza para o veredicto e Dr. Bruno lhe mandasse de volta ao lar. Mais um dever cumprido, ego inflado, consciência tranquila, o jovem cirurgião é surpreendido com os efusivos “Deus lhe pague”, quando de praxe, comunicava à família do seu paciente, o sucesso da cirurgia:

-A cirurgia foi de risco, mas o resultado foi satisfatório, vamos aguardar a reação do seu organismo!

-Deus lhe pague! Deus lhe pague! Deus lhe pague!... – foi a reação da esposa, o médico foi ríspido:

-Senhora, Deus não existe! Se existisse, milhares de inocentes não padeciam nos leitos dos hospitais nem seriam arrastados pelos desastres da natureza!

-Pelo o amor de sua família, não blasfeme, não valorize a criatura, mas o Criador, os desígnios de Deus são inacessíveis ao conhecimento do homem, ao homem fica Sua misericórdia!

-Senhora deixe de pieguices!- sisudo.

-Não é sentimentalismo... A aliança que Jesus Cristo celebrou com o Pai não foi em vão, a morte não é o fim, mas o começo de um novo tempo no seio de Deus. Sua promessa de vida eterna não pode ser uma mentira! – justificou.

- O homem não é semente, senhora, a morte do homem sinaliza o retorno da matéria à sua origem, a matéria perdeu a vontade de viver, que vocês chamam de alma, nós, ateus, chamamos de energia, élan vital... – encerrou o diálogo numa rabanada.

## II

Raimundo Araújo, homem fisicamente desprovido, uma mistura de chofer, moleque de recado, secretário, repositório de queixas, lamentações, enfim, um confidente da família Santieiro, tratado por “Mundinho”, estranhou a demora de sua patroa com o pequerrucho na clínica pediátrica.

O pimpolho nascera com problemas de saúde, desde sua chegada há 6 anos na casa do famoso cirurgião Bruno Santieiro, que Mundinho é testemunha da labuta dos seus padrões com o seu primogênito, mas àquela tarde, sensações diferentes, pesarasas, envolviam o seu corpo, ele não gostava daquilo... Sua companheira vivia fustigando-o para que freqüentasse uma casa espírita, que ele estava desperdiçando sua força mediúnica, os seus pressentimentos encerravam em algo ruim, aí, ela enumerava os acontecimentos que o seu companheiro pressentira, ele negaceava:

-Maria deixe de bobagem!...

Católico praticante, não gostava de alimentar os devaneios e as maluquices de sua mulher, Maria possuía uma imaginação fértil e supersticiosa. Embora se declarasse católica, ela cultuava o kardecismo e se Mundinho lhe desse corda, ela frequentaria também os terreiros de candomblé, acreditava em bruxos e bruxarias.

Porém, naquela tarde, as fantasias de sua mulher não fossem de tudo imprestável, a danada poderia ter lances de razão, estalos de onisciência, lances de verdade se os seus pressentimentos se confirmassem e a família Santieiro tivesse num beco sem saída com o pequeno Bruninho. Não se fez esperar mais tempo quando Dra. Karla desce espavorida da clínica, semblante carregado, contida no choro, cheia de ordens, Mundinho é incumbido buscar roupas do menino e dela, transmitisse urgência ao seu patrão, pois o garoto fora internado:

-Senhor Mundinho – nunca dispensava o tratamento de “senhor” e “senhora” para os empregados – não demore, fale ao Dr. Bruno vir com urgência! - O empregado não se fez esperar...

### III

Cansaço físico, olheiras visíveis, semblante quebrado, cabisbaixo, contrastavam com o físico alto e esbelto, depois de uma semana, de noites mal dormidas do Dr. Bruno Santieiro, é que o estado de saúde de Bruninho oscilava entre bem e mal, e não, ótimo! A febre resistia deixar o moleque não obstante os recursos profiláticos empregados.

Mundinho compartilhava a dor do patrão, aprendera gostar do pimpolho, inúmeras vezes, saíam a sós para brincarem nos Shoppings ou passarem nas praças a pedido dele e autorizado pelos seus pais.

Ele não privava da intimidade da patroa – nem os outros empregados -, embora o seu patrão tivesse ideias malucas, o amava, Dr. Santieiro não era um patrão, mas muito mais do que um patrão, chovesse ou fizesse sol, aos domingos, eles jogavam futebol de salão, acompanhava a família à praia ou outro lazer, aonde quer que a família fosse, ele estava a tiracolo e, se Mundinho tivesse uma simples dor de cabeça, já era motivo de preocupação para o médico.

Vê-lo pra baixo, impotente, de pés e mãos amarradas, a mercê da doença do filho, cortava coração, às vezes, Mundinho tinha vontade de chorar e não o fez não por machismo, mas para não ser flagrado, porque iria apenas aumentar o desespero dos pais de Bruninho.

Naquela tarde à saída do hospital, não tinham percorrido um quilômetro de volta para casa, quando Bruno pede ao seu motorista que estacione o carro na primeira praça que avistaram:

-Vamos dar uma andada para arejar os cornos!... - brincou.

-Patrão, os meus são uns restinhos da primeira mulher se Maria me trai são com os espíritos, a mulherzinha ou vai à igreja ou vai à sessão espírita, a Bíblia de manhã e o Livro dos Espíritos à noite!...

-E você? – pegou-lhe de supetão.

-Eu, doutor?... Sou cristão, Jesus é ressurreição e vida!

-Esse negócio de vida eterna e ressurreição, é conto de carochinha... – mais pensativo:

-Meu filho está ali padecendo... Inocente, nunca fez mal a ninguém, que justiça divina é essa que o justo é punido e o injusto agraciado?... – com a voz embargada.

-Doutor, os discípulos de Jesus também tiveram essa inquietação ao verem um

cego de nascença. Perguntaram-Lhe: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” Respondeu Jesus: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele obras de Deus”. João 9:1-3. – completou:

-Os desígnios de Deus e o seu amor são infinitos, às vezes, incompreensíveis, mas Ele tem um lugar para cada um de nós, patrão!

-Acreditaria Nele se o meu filho ficasse são... – acrescentou:

-Distribuiria parte do meu patrimônio com os pobres!

-Deus não é mercador!

-Fazer o bem não leva ao céu, Mundinho?

-Não em troca, mas em graça e doação. O exercício da caridade e da solidariedade em primeiro lugar, enfim doutor, o senhor tem que “nascer de novo” e poderá pedir tudo ao Criador de acordo Sua promessa: “Pede-Me, e Eu te darei as nações por herança e as extremidades da Terra por tua possessão”. Sal. 2:8. - concluiu:

-O homem que exercita sua fé em Jesus Cristo e distribui caridade, solidariedade, Deus é com ele.

#### IV

Naquela noite, Bruno cochilou e dormiu o sono dos justos ao lado do filho, quando ao sol saindo, despertou atoleimado com os gritos do filho:

-Paiê, paiê, paiê!...

-O quê foi, filho?

-Ela (com a imagem de Nossa Senhora nas mãos), me colocou no colo... – o pai o interrompeu:

-Quem lhe deu esta santinha, meu filho?

-Mundinho!!!...

A razão foi vencida pela fé. Somente os puros de coração podem ver Deus e pedir-Lhe resposta para os seus males. Doutor Bruno ficou-se de joelhos e chorou, chorou, chorou...

## **O desespero do Diabo** **R. Santana**

Não faz muito tempo o Diabo reuniu os seus assessores e comunicou o seu desespero: - Eu estou farto de tanta gente ruim! – Assim começou o Senhor das trevas... No seu discurso, alegou que quando rompeu com Deus, pensou fundar o “Império das Trevas”, de gente boa, gente santa, gente direita, gente que não lhe desse trabalho, por isto, deu muita abertura, escancarou as portas do Inferno, mas fazer o quê? Estava sozinho! Precisava de gente para fundar o seu reino, gente pra colocar a mão na massa!... Pensou que no decorrer dos Séculos, ele pudesse separar o joio do trigo, mas o diacho é que só tinha joio não tinha trigo, os filhos de Deus desconfiaram de tanta bonança, do caminho largo demais, sem percalços, tudo permitido e aceito, esmola grande até cego desconfia, então, os filhos de Deus enveredaram pelo caminho estreito e o tiro tinha saído pela culatra!...

Reconhecia o seu erro logístico, deveria ter imitado o Altíssimo e ter estabelecido regras rígidas de conduta, pois quem o procurasse, seria por convicção, seria por amor, lhe fosse fiel, não lhe traísse as ideias, lhe fosse companheiro, amigo, mas lhe restou: malfazejos, assassinos desalmados, políticos venais, comerciantes inescrupulosos, juízes corruptos, policiais criminosos, padres e pastores pedófilos, traficantes, afora os escravos do vício e da luxúria. Portanto, iria reunir o seu staff e conversar com o Criador, não foi Ele que criou o homem? E, completava: - Quem pariu Mateus que balance...

Pela misericórdia de Jeová não lhe foi difícil ser ouvido:

- Altíssimo, confesso-Lhe que fui vencido, não cuidarei mais de alma humana – começou o anjo rebelde -, quero Lhe entregar todas as almas que estão no inferno!...

- Lúcifer, quando criei o homem, Eu lhe dei raízes e asas...

- Senhor, o homem não soube usar o conhecimento nem o livre arbítrio, hoje, o homem é a maldade em si... Não nasce bom como disse Rousseau, ele já nasce mau!... –

O Senhor deu corda ao Diabo:

- O quê tu queres Satanás?

- Tu deste a vida ao homem, agora, Tu dê-lhe o céu como abrigo...

- Satanás, o homem foi a única criatura que me agachei... Eu peguei o barro e o modelei à minha semelhança, portanto, Eu o amo, se tu o converterdes, o céu será o seu refúgio!

- Senhor, varei Séculos ensinando Te arrenegar, como irei, hoje, convencer o homem Te amar!?

- Espírito das Trevas, o meu amor é infinito, conhecestes o meu fiel servo Abraão e o desafio que lhe fiz quando intercedeu para que Sodoma e Gomorra não fossem destruídas?... Ide e mostre tua verdadeira face e os homens arrependidos terão o céu como abrigo!...

Leitor amigo, o Anjo que me contou esta história, jurou de pés juntos, que o Arrenegado vociferou, vociferou, vociferou... mas não voltou mais ao céu, menos ainda, na presença do Senhor... Mais uma vez as Escrituras Sagradas se cumpriram quando diz: "... demais, entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para nós..." (Lucas, 16:19-31). E, o Anjo completou:

- Filho, o Inferno está em polvorosa e o Bruxo das Trevas em maus lençóis. Descobriram o que ele foi fazer no Céu, agora, é chamado pelos opositores de "traíra", "Joaquim Silvério dos Reis", "Judas", pois além dele quebrar a hegemonia de poderes, ele não consultou os infernenses... – não o deixei concluir:

- Quem lhe faz oposição?

- Os criminosos, os pervertidos, os sindicatos, os ladrões, os pedófilos, professores enganadores... – insisti:

- Anjo, eu quero saber dos políticos!?

- Ah, ah, ah!... Políticos? Alguns políticos querem ser o presidente do Inferno!

- Meu Anjo, os nomes?...

- Saddam Hussein, Bush, Hitler, Pinochet, Papa Doc, Stalin... - eu o interrompi novamente...

- E brasileiro?

- F. Pei..., Méd..., AC..., C. Sil..., C. Bran..., Fig..., C. Pres... C. Marigh..., G. Var..., eles preferem ser o primeiro no Inferno a ser o segundo no Céu... – continuou:

- Mas o brasileiro é jeitoso de natureza, é manhoso, é malandro, é escorregadio, é oportunista e gosta do poder... Por enquanto, ainda estão com Satanás, mas quando a turba do mal se levantar contra o Tinhoso, os brasileiros darão o bote e assumirão o comando do lugar das trevas.

Leitor amigo, a declaração do Anjo me fez pensar quão difícil será a extinção do mal porque nem o Diabo dá conta...

### **O Império do Diabo** **R. Santana**

O velho Tanaguchi me contou não faz muito tempo que existe lá no seu país a “Terra do Sol Nascente”, uma lenda que no início do Século passado, o Diabo insatisfeito com as coisas do Inferno, subiu aos ceus para um encontro com o Criador. Tanaguchi me adiantou que não foi um encontro fácil, desde que Lúcifer foi expulso do Paraíso com os seus anjos maus e fundou o seu reino do inferno, Deus não o recebia, mas tanto foi sua insistência, seu apelo, que o Criador encheu-se de misericórdia e o recebeu.

Naquele dia que o Diabo passou por aqui, o Sol se escondeu, chuvas torrenciais caíam em alguns lugares, trovoadas aqui, ali e acolá, os raios e coriscos rasgavam o firmamento e alguns ciclones e tornados rasgavam os mares quando o Diabo chegou ao Ceu...

O diabo foi recebido com reserva pelos santos, anjos, arcanjos e querubins. Todos estavam apreensivos e curiosos, ninguém sabia o que tencionava o velho Satanás, mas todos tinham certeza que era algo de seu interesse, pois pra ele se deslocar de tão longe e depois de tantos séculos de expulsão do Ceu pra falar com Deus, teria que ser um encontro importante talvez o último, se ele não manifestasse nenhum arrependimento, nenhuma submissão, nenhum reconhecimento e nenhuma gratidão pelo Criador do cosmo e do homem e tudo que existe e existirá.

Não quis ser recebido pelo Filho, desculpou-se com os anjos do primeiro escalão que conheceu o Pai primeiro que o Filho e que era também uma criatura espiritual do Criador, embora estivesse afastado do Ceu, no começo dos tempos foi Lúcifer, ou seja, um anjo de luz.



Enquanto os anjos, arcanjos, querubins e santos oravam, uma luz forte tomou conta do Ceu, dentro dessa luz, um feixe de luz em forma de cone chamava a atenção, todos sabiam que era a presença de Deus, por isto, todos se curvaram, inclusive, o Diabo. Uma voz tonitruante quebrou o silêncio:

- Lúcifer, Lúcifer, depois de milhões de anos, tu voltas ao Ceu para pedir mais do que já te foi dado por desobediência!? Tu aliciaste milhões de anjos, ameaçou o meu plano de criação, corrompestes milhões de seres humanos... Tu espalhas a mentira, o ódio, a vilania, a discórdia, a maldade, a falsidade, a ambição, a luxúria e os vícios entre almas de corações empedernidos e frágeis de fé, agora, que mais tu desejas? Usei o meu Filho para um novo pacto, uma Nova Aliança, para redimir o homem do pecado e tenha vida eterna. Hoje, o salário do pecado é a morte com promessa de ressurreição... Que mais queres ó espírito das Trevas?

- Senhor, Senhor, não é fácil viver sob o signo da maldade. Viver o mal é mais custoso do que viver o bem. Quando Vós me expulsastes daqui, tornei-me um querubim caído, o diabo, o satanás, eu perdi a luz... Vós destes ao homem o livre arbítrio, a mim coube ser sempre o agente do mal, o espírito das Trevas. Eu sublevei tua autoridade, provoquei uma rebelião, iludi enésimas legiões de anjos, hoje, todos ainda me servem, mas não estou satisfeito com o meu império do mal. Cada dia, o Inferno se enche de almas más, seres de maldade infinita, para mim, chega!!!

- Lúcifer, Lúcifer, eu não te dei natureza má, te dei luz e poder, tu que fostes pra maldade. O homem também caiu no Paraíso por tua causa, mas se levantou, hoje, muitos são os espíritos que me agradam... Abrão, Isaque, Levi, Jacó, Moisés, Noé, Paulo, João, Pedro, Mateus, Marcos, José e Maria honram a minha obra, eles e meu Filho salvaram o plano de criação do universo, portanto, dizes que viestes fazer no Ceu após milhões de anos!?

- Senhor, Senhor, Vós conheces a natureza íntima de todos os seres, Vós não ignoras o motivo que me fez viajar centenas de anos-luz, porém, se é praxe do Ceu, eu manifesto diante de Vós e de todos os espíritos de luz, que é duro ser Espírito das Trevas, por isto, peço Vossa Misericórdia, quero voltar ser Lúcifer, um espírito de luz, e, fundar a minha igreja para o homem. Se o pedido é demais, peço-Te, então, que me conceda ser bom e dê-me 100 anos de experiência na Terra para fundar o meu ministério, se até lá o meu projeto não se tornar exequível, nada mais pedirei ao Santo Pai Eterno!

- Lúcifer, Lúcifer, tu escolheste o caminho, não te condenei à escuridão, fostes com os outros para escuridão! Ser bom é um exercício de vontade, uma prática do dia a dia. Será difícil para ti que sempre viveu na mentira, na falsidade, te tornar bom e virtuoso, o homem não irá te acreditar!

- Senhor, Senhor, é melhor a dura realidade do que a falsa mentira. Paulo matou e encerrou muitos cristãos nas prisões... Moisés para libertar seu povo cometeu crime, o rei David traiu Urias com sua mulher e o enviou depois para batalha da morte... Salomão teve suas fraquezas e o homem os perdoou, por que não a mim? Agirei somente na promoção do bem, gente ruim, o Inferno está cheio!

- Lúcifer, Lúcifer, esses homens se arrependeram de suas más ações e sofreram as consequências do pecado, todos foram contemplados pela misericórdia divina. Tu, entretanto, foste o único ser que criei que sublevou com os teus anjos a minha autoridade! Milhões de anos te foram dados de existência e tu não manifestaste arrependimento! O homem tem sofrido com os teus espíritos malignos, o mal, por tua causa, impregna a humanidade, agora, queres poder e não perdão!?

- Senhor, Senhor, eu sei que vossa misericórdia é infinita, porém, a minha consciência espiritual me nega clemência, o perdão por si não alivia o fardo dos meus crimes. Sublevei o Pai Eterno, não mereço misericórdia, diferente de Paulo, Moisés, Davi e Salomão. Agora, peço luz ao Céu, cansei de viver nas trevas, escondido, não existe provação maior, quero redimir os meus crimes e não conversão!

- Lúcifer, Lúcifer vais e pratique o bem, a justiça e o amor. Tu não fundes tua igreja sob a égide da mentira. Deixas de lado os néscios, os ignorantes da palavra e os fracos de mente. Tu terás muitos talentos, *menos o dom da vida e o da ressurreição!*...

*Pela primeira vez, o Diabo deixou o Ceu bem intencionado, aqui no mundo, ele e os seus diabinhos arregaçaram as mangas e começaram trabalhar, grande a seara e poucos obreiros... Não quis ganhar homens maus, começou arrebanhar bons espíritos, pessoas insatisfeitas com suas crenças, mas de boa índole: famílias estruturadas, pastores, padres, monges, rabinos, médiuns, bispos, etc., etc.*

Quando instalou sua Igreja não exigiu sacrifício de seus seguidores, mas proselitismo e lealdade. Sua doutrina se resume na apologia da prosperidade e não da pobreza. Exegese? Exegese pra quê?... Exegese serve para interpretar doutrinas complicadas e mistérios, sua doutrina resume-se encontrar a felicidade, é o homem feliz e de bem com a vida. Pecado original, nem pensar! Ninguém tem obrigação por nascer, mas por viver...

Tanaguchi me garantiu que o Império do Diabo não para de crescer: uma igreja alegre, muita música, templos suntuosos e difusão na mídia de sua doutrina. As curas não são mais casos isolados e íntimos, os milagres ocorrem a olhos vistos... A palavra é o grande negócio, e, Tanaguchi completa:

- Meu amigo, nunca existiu na história do homem tanta riqueza, tanta dissolução, e tanta fé!...

## **Mãe Anastácia**

### **R. Santana**

Assim que Christina deixa o Shopping Iguatemi de Salvador e pára no primeiro semáforo, o seu carro é tomado por moleques que vendem água mineral, biscoito caseiro, doces, frutas ou limpa o para-brisa com água e sabão numa operação recorde e eficiente. Christina não quis nada, dispensou todos os moleques com doçura e educação, porém, um deles insistiu e jogou dentro do carro, em seu colo, um panfleto que convidava visitar os serviços espirituais de uma mãe de santo pra o lado de Matatu de Brotas, a Yalorixá Anastácia Ogum Xoroquê.

Christina, católica de nascimento, pouco se deixava guiar pela fé, não conhecia pelo nome, meia dúzia de santos de sua igreja, jamais se sensibilizou ou quis conhecer seitas de oguns, oxuns e orixás, terreiros, muito menos visitar a Yalorixá ou algum Babalorixá, para bem da verdade, ela não sabia nem o que esses títulos significavam, cresceu ouvindo falar de candomblé, pai de santo, mãe de santo, cigana, cartomante, vidente, sensitivo, bruxo, mas nada disso lhe tocava o coração, todavia, aquele panfleto lhe mexeu com o coração e a razão, mais com o coração do que com a razão, eis aí o que dizia o panfleto:

“Yalorixá Anastácia Ogum Xoroquê tem mais de 25 anos de santo e sua casa é aberta a todos que buscam... Atende com JOGOS DE BÚZIOS E CARTAS com hora e dia marcados, conforme sua ligação. Lembre-se: os orixás vão lhe mostrar o caminho certo a ser percorrido.”

Christina não conhecia Flávio nem Roseli, ambos tinham sido colegas de faculdade de Ricardo. Quando o seu marido convidou os seus ex-colegas de faculdade

para trabalharem em sua empresa de venda de carros novos e usados, ela foi contra sem muitos argumentos convincentes, mais ciúme de Ricardo do que razões profissionais:

- Não se mistura negócio com amizade!

- Querida, estou contratando dois profissionais de qualidade administrativa comprovada, cursos no exterior, ele irá gerir o departamento comercial e Roseli o RH, não é só amizade! – Christina não se conteve:

- Eu sou idiota Ricardo? Vocês já foram pra cama! – Ricardo não tossiu nem mugiu, deu-lhe as costas e saiu.

Enquanto subia a rua procurando a casa da Yalorixá Anastácia no endereço indicado no panfleto, Christina ia rememorando os argumentos do seu marido para trazê-los do Rio de Janeiro para Salvador, ela tentou demovê-lo da ideia, argumentou custos, que o mercado baiano estava cheio de bons administradores, não teve jeito, ele bateu pé e os dois estavam lá na empresa de Ricardo há mais de um ano. Agora, ele não se cansava de celebrar a vinda de Flávio e Roseli para capital baiana, ao passo que cada dia, ela se tornava mais infeliz com a indiferença e o desprezo do marido, por isto, resolveu, mesmo sem a fé dos seguidores, consultar a famosa mãe Anastácia para encontrar resposta que lhe tirasse daquela tormenta e cisma.

Certamente, a casa de terreiro da Yalorixá não era naquele luxuoso sobrado colonial, exceto a sala em que ela foi atendida, não havia vela a bruxulear os santos, não havia ostentação, tudo era discreto sem ser vulgar, porém, os móveis e o prédio denunciavam a prosperidade da mãe de santo. A antessala onde os consulentes aguardavam a Yalorixá parecia o consultório dum médico de nomeada.

- Filha, antes das cartas, oremos ao Pai Ogum para que as causas de suas dificuldades sejam reveladas e pisadas com os cascos do seu cavalo e eliminadas com a força de sua espada... – começou a Yalorixá:

- Ó Pai Ogum, a vida desta jovem senhora está confusa e conturbada, peço-lhe que lhe indique o caminho a seguir e lhe dê coragem e força para que ela esmague todo o mal que a persegue. Com sua proteção, ela terá segurança e o apoio de guias e orixás, que a paz de Oxalá seja perene em sua vida... Assim seja e assim será! - feita a oração, a mãe de Santo começou a leitura das cartas, Christina nervosa e tensa não se aguentava na cadeira... A primeira carta foi Valete de Espadas:

- Filha, o naipe de espadas indica violência e desgraça. Homem sedutor, mas traiçoeiro e mau caráter lhe persegue... – Fez um “Anh!” e a Dama de Espadas caiu na mesa:

- Filha, ele e ela estão em conluio para lhe destruir!... Mulher bonita, mas perigosa e traiçoeira... – a mãe de santo foi interrompida por Christina:

- Meu Deus! Meu Deus! Ricardo deveria estar aqui, mãe Anastácia! – e desabou em pranto.

A sessão de cartas foi interrompida, Christina emocionalmente desabou, mãe Anastácia e suas filhas de santo colocaram-na num quarto para descansar. Coincidência ou não, o Valete e a Dama de Espadas, significavam de maneira clara, os seus desafetos Flávio e Roseli. A mãe Anastácia não os conhecia, portanto, não era coincidência, as energias de Exu e Ogum, tinham sido canalizadas de maneira certa, decerto, essas entidades fariam justiça através da Yalorixá e foi sua promessa assim que Christina saiu do transe:

- Filha, a mãe Anastácia lhe promete com ajuda dos meus guias espirituais, debelar o mal de sua vida, a concórdia e a paz voltarão reinar no seu lar. O seu marido irá reconhecer o seu erro e lhe pedir perdão, mas para isto acontecer, a filha terá que ter muita fé e obedecer aos conselhos desta Yalorixá Xoroquê, a começar pela sua iniciação, deseje ser iniciada!?

Sim! - promessa feita, promessa cumprida, dias depois o bem vence o mal.

Pareceu que tudo foi arranjado, pois Ricardo chegou num momento em que Roseli estapeava o marido numa crise histérica, xingando-lhe para quem a quisesse ouvir:

- Seu veado, seu xibungo, seu pedófilo, me traindo com esse fedelho – o rapazinho não se aguentava nas pernas de medo, trêmulo, não conseguia recompor sua roupa -, nós tínhamos um plano para nos dar bem com Ricardo e você não consegue deixar a bicha enrustida por mais tempo!?

- O quê!? – todos tomaram susto com o aparecimento inesperado do patrão. O plano foi esclarecido: Roseli bonita e atraente assediaria o seu ex-colega, agora, patrão, e, quando ele estivesse completamente apaixonado, o divórcio de Christina e a extorsão do marido traído, deixariam Ricardo em maus lençóis, inclusive, financeiro.

Ninguém sabe se as coisas feitas da Yalorixá foram providenciais, certo é que o mal por si se destrói sem a intervenção dos orixás.

## **O ateu** **R. Santana**

1

O cirurgião Mauro Brandt era um ás no bisturi, um médico de mancheia, se o mal não fosse de morte Dr. Brandt dava um jeito, pois além de cirurgião, era versado em outras áreas médicas, o homem era um cientista, porém, os seus pacientes ficavam sem jeito com suas heresias: “Quem lhe salvou foi o meu bisturi, não Jeová!”, “Ah, foi Jesus Cristo? Não o encontrei na mesa de operação!...”, por isto, à boca miúda, ficou conhecido com o epíteto: “O ateu”. Não pense o leitor que Dr. Brandt se espinhava com o apelido, gozava de satisfação quando se lembrava das caras assustadas de suas pacientes beatas diante de suas heresias, dos seus desdêns religiosos e sua falta de fé.

Mauro Brandt Júnior, um dos seus filhos, hoje com 36 anos de idade, amava o pai, mas reprovava suas blasfêmias, suas brincadeiras de mau gosto, quando podia, ele chamava a atenção do pai:

- Pai, respeite a fé e a religião dos outros!...

Doutor Brandt não era má pessoa, afora sua incredulidade, nunca dizia não aos seus pacientes, era prestativo, se alguém batesse em sua porta, sempre lhe encontrava predisposto realizar uma ação beneficente. Era um homem de posse, seria muito mais se negociasse sem pejo o seu talento. Gostava de luxar, dos prazeres da carne, do poder, porém, não era escravo do dinheiro ou de posição social, para o médico, o dinheiro e o status eram meios e não fins.

Para o Dr. Brandt, a vida é fruto do acaso universal, explosão de forças energéticas da natureza, e, o processo deu origem às formas primárias e secundárias dos seres vivos. Ele não vê a origem do homem em Gênesis, a Bíblia é o eufemismo da vida, é a maneira fácil para explicar a origem do homem e Deus. Nenhuma espécie surgiu “pronta” na face da terra, ele acreditava que todos os seres vivos sofreram mutações e seleção natural até o estágio atual, Darwin que mais se aproximou da origem das espécies.

Enfim, Dr. Brandt cultivava, sem vergonha, com propriedade, idéias positivas, kantianas, nietzschianas com desenvoltura e convicção e que a razão sobrepuja a fé e as emoções.

O Hospital Dr. Alexander Fleming reservou uma sala no 10º. Andar, contígua à administração, uma sala de estudo e repouso para Dr. Brandt dado sua importância profissional e serviços prestados. Naquela boquinha da noite, quando se preparava para ir embora, foi chamado às pressas, por uma estagiária, para atendimento de emergência:

- Dr. Khalil do CC-E, solicitou sua presença, urgente! – debochado:

- Se Khalil tivesse tanta urgência não lhe mandaria, ele sabe que sou doido por mulher bonita, usaria o interfone! – a estagiária corou:

- Mas, é que... é que... houve um acidente grave!

- Doutorzinha, desde quando não tem acidente grave nesta cidade com mais carros do que gente!?

- É... é... – Dr. Brandt perdeu a paciência:

- Desembuche jovem! Perdeu o fôlego!?

- É sua filha... – Ela não completou. O médico num gesto brusco, bufando, deixou a sala, pegou o elevador de descida e correu para o CC-E - Centro Cirúrgico-Especial.

Dr. Brandt teve três filhos: um homem e duas mulheres. Kelly, sua filha mais nova, foi a vítima desse acidente e sua mãe Paola. O doutor Khalil não lhe deu a notícia pessoalmente, por prudência, para lhe poupar, também, preocupado com a vítima, não podia desperdiçar tempo, enquanto a estagiária foi chamá-lo, ele agilizou todos os procedimentos e quando Dr. Brandt chegou ao centro cirúrgico, o anestesista, as enfermeiras, Dr. Khalil e o seu assistente já estavam apostos na mesa de operação.

Paola fraturou o antebraço, um corte superficial na cabeça, e algumas escoriações generalizadas de menor gravidade, sem risco de vida. Porém, ficou internada para as observações de praxe e por insistência do médico de plantão no mesmo Hospital Dr. Alexander Fleming, onde Kelly seria operada.

Quando Dr. Brandt chegou ao CC-E, os procedimentos já estavam sendo ultimados. Kelly ainda gritava de dor com as mãos pressionadas no abdome traumatizado. Dr. Brandt, a contragosto do seu colega Khalil, assumiu a cirurgia. Algum tempo depois, Kelly anestesiada, se deixava aos cuidados do seu pai, dos seus colegas e das enfermeiras.

O bisturi de Dr. Brandt fez uma incisão cuidadosa no abdome de Kelly, o quadro traumático mais feio do que aparentava na ultrassonografia, o sangue pouco e pouco se espalhava pelas alças do intestino delgado, à altura do duodeno, era grande o trabalho das enfermeiras pra limpá-lo, como se mais de um vaso sanguíneo tivesse rompido...

O tempo urgia, a pressão da mocinha oscilava, aparelhos foram ligados para regular a respiração e os batimentos cardíacos, mas a vida se esvaía, o quadro parecia irreversível... chumaços de algodão ensopados de sangue, quando... de repente... num átimo de tempo... Dr. Brandt deixa os seus instrumentos na bandeja... fez uma expressão no rosto de vencido e disparou para Capela do hospital, quedou-se e ajoelhou-se em busca de Deus:

- Senhor perdoe este desgraçado! Este miserável que tantas vezes zombou de Ti!... Sei que não mereço o teu perdão, blasfemei o tempo todo, zombei das coisas sagradas, mas não permitas que a minha filha desça ao vale da morte... Hoje, fui vencido pelas forças da natureza, não por falta de aptidão, já fiz centenas de operações iguais com sucesso absoluto... Vós perdoastes Saulo que prendeu e açoitou os teus discípulos, Tu perdoaste Pedro que te negaste três vezes, Tu perdoaste aqueles que te açoitaram e te colocaram na cruz, inclua-me entre eles, Senhor!... – O suor escorria-lhe pelo corpo...

Na sala de cirurgia a Providência tinha operado... Dr. Khalil, tenso, suado, ultimava as últimas suturas, os últimos arremates!...



**O homem-rato**  
**R. Santana**

Galego deveria ter uns 40 anos de idade, um pouco mais ou um pouco menos, todavia, o tempo de cachaça era o mesmo, pois começou beber a branquinha no ventre de sua mãe, de acordo o bebum, a velha também gostava duma caninha desde moça e não se tornou abstinência quando de sua gravidez, naquela madrugada há 4 décadas passadas quando lhe deu à luz, a parteira encheu a moringa de murcha-venta de sua mãe para que ele não demorasse de nascer, cesariana era luxo de grávida rica, pobre tinha que ser no cru e no cru Galego veio ao mundo.

Ele possuía consciência cidadã, reclamava dos poderes públicos, tinha consciência de sua miséria, era um bebum diferente dos demais, que noite e dia, dia e noite, inundam a feira-livre da cidade de Tupiara e sua praça do “Ó”, dormem embaixo de marquises de lojas circunvizinhas, enrolados em trapos velhos, papelões e colchonetes sujos e nojentos. Os gogorobas se confundem com os seus andrajões, não se sabe quem fede mais, eles ou os seus trapos, restos de gente, farrapos de gente...

Apresentava-se de maneira correta consigo e com o interlocutor:

-João Alberto da Silva, vulgo Galego!... – completava:

-Vossa Senhoria chama-se?... – quando peitava uma autoridade:

-Vossa Excelência é responsável pelo aumento desses miseráveis!... – a autoridade protestava:

-Quê é isso?... Estou no cargo há menos dum ano, eu não sou responsável por suas desditas! – Galego justificava:

-Eu sei Excelência, mas os políticos prometem fundos e mundos aos pobres antes da eleição, depois de eleitos, enchem os ricos de fundos e mundos!... – os assessores e bajuladores, de pronto, intercediam para que a conversa não se azedasse e arrastavam ”Sua Excelência” para longe dali.

Galego fez-se a voz dos miseráveis, a autoridade sem mando, o advogado sem causa e mandato, mais fanfarrão do que ouvido, o rei da bazófia e do alarde, o bobo metido a sabido, o São João Batista que clamava no deserto!...

De dia, perambulava pelas ruas de Tupiara, à noite, escondia-se em algum lugar, decerto, preocupado com gente perversa que se esconde no manto da escuridão para o gozo de suas maldades. Alguns colegas de copo juravam que ele possuía filhos, mulher

e casa, as mentes mais fantasiosas acrescentavam que Galego não era pobre, mulher e filhos cuidavam dos seus níqueis!...

Certeza não se tinha e não existe prova da fortuna do pé-de-cana, é comum ao homem simples fazer da desgraça do outro apologia, como se faz do limão uma limonada, porém, uma coisa não se podia negar: Galego era diferente dos outros bêbados nas atitudes e na sutileza de raciocínio. Costumava poetizar o seu vício:

“Bebeu a princesa Isabel, bebeu o imperador

Bebe o soldado, bebe o cabo e o major  
Bebe o pobre, bebe o remediado e o rico,  
Bebo eu, que não sou rei nem militar!...

O Senhor deixou a mandioca, a uva, a cana...

O homem fez vinho, vodka, whisky...  
O Francês bebe vinho, o mexicano bebe tequila,  
O americano bebe whisky, cerveja bebe o alemão.

Bebe o meirinho, o advogado, o juiz e o promotor  
Bebe o bispo, o padre, o franciscano e o sacristão,  
Bebo eu, que não sou direito nem santo, sou pecador!

Bebe o ministro, o deputado, o vereador e o senador  
Bebe o cientista, o enfermeiro, a médica e o doutor,  
Bebo eu, bebe todo mundo, também, o presidente!...”

Naquela manhã, alguém lhe encontrou pra baixo, sorumbático, triste e esquecido do mundo:

-Eh, eh, eh, homem! Tristeza não paga dívida e do mundo nada se leva!... O quê houve?... – Galego não estava num dos seus dias:

-Eu não sou homem, sou um rato!!!

-Quê rato, homem!? Deixe de maluquice!!! Nunca lhe vi assim!

-Desculpe-me amigo, estou deprimido, mas nós não passamos de ratos!

-Nós, Galego!? Eu sou homem!!! – espinhou-se...

-Não se agaste rapaz! Para mim não existe retorno, sinto que estou mais prá lá do que pra cá, por isto, peço-lhe que deixe a mim e a minha desgraça a sós! – o rapaz insiste:

- Primeiro, explique essa história que somos ratos!...

- Rapaz, eu acho que somos piores do que ratos. O rato serve de cobaia à ciência, é um animal arguto, inteligente, vive em comunidade, em família, anda limpo, escovado, inspira filme, desenho e, o gato de Esopo não lhe colocou guizo no pescoço... Nós somos sujos, fedorentos, à margem da sociedade, relegados pela família, bobo da coorte!... Nós... nós... nós somos piores do que os ratos. Eu não sou homem... Eu sou pior do que um rato!!! – não esperou contraditório, deu-lhe as costas e foi embora.

Dias depois, morreu embaixo duma barraca de feira, encolhido, enregelado, desprezado da família e de todos, João Alberto da Silva, vulgo Galego, não, morreu o rato, não de novo, morreu sim, o homem-rato!...

### **A queima de Judas**

**R. Santana**

Na semana que findou, passei junto com os meus a “Sexta-Feira Santa” nas praias de Ilhéus. Como bom católico, não queria ir, eu argumentei aos familiares que preferia ficar em casa, jejuar, orar e compungir-me, enfim, aproveitar a oportunidade para uma conversa mais amiga com Deus e Lhe confessar o meu arrependimento das coisas erradas que pratiquei ao longo da vida, mas as circunstâncias me tiraram essa oportunidade e terminei o final de semana na casa de um cunhado rico na cidade vizinha, na “Praia dos Milionários”.

Passar a Sexta Feira Santa na praia, degustando boa bacalhoadada, dourado, merluza (com leite de coco e dendê), bom vinho, cerveja, caipirinha (brasileiro, afora alguns esnobes, não gosta de whisky), mergulhar no mar, jogar baralho e dominó, é privilégio de poucos, a maioria da população fica em casa, pega a papa do vizinho, outros, ainda menos aquinhoados, come o peixe que a prefeitura distribui grátis na Semana Santa.

Essa tradição católica vem de muito longe, aqui em nosso país, os portugueses que a trouxeram-na no seu descobrimento. Hoje, não se comemora a Sexta Feira Santa como antigamente, não existe mais o mesmo respeito religioso, o sentimento de pesar pelo flagelo de Jesus Cristo e o significado de sua ressurreição foram substituídos pelo

ócio, pela fuga da cidade grande pra o litoral ou pra o campo. A páscoa não é mais momento de oração e regozijo por Jesus Cristo ter vencido a morte e ter dado ao homem esperança de vida eterna.

Porém, este ano não posso reclamar, é que pela primeira vez na vida assistir a queima e a malhação de Judas no Sábado de Aleluia. Não foi um Judas como o de Itu, grandão, com bombas e dinamites para pipocar o mais famoso vilão da história da humanidade, que vendeu Jesus Cristo por 30 moedas com um beijo na face ou um Judas com cara e herança de político, mas foi um Judas chinfrim, magrinho, com cara de pobre, sem dinamites, com bombas que deram chabus e tudo foi salvo pela robusta e simpática morena testamenteira que leu com desembaraço a herança deixada pelo mais famoso traidor:

- Judas morreu!? – a assembleia respondia:

- Morreu!!! – ela completava:

- Não teve o que deixar, deixou um caminhão velho pra João mecânico consertar!

- Judas Morreu!?

- Morreu!!!

- Não teve o que deixar, deixou seu terno amarrotado pra Thiago casar! – repetia:

- Judas morreu!?

- Morreu!!!

- Não teve o que deixar, deixou 30 moedas de ouro pra Jabes Ribeiro, a cidade melhorar!

- Judas morreu?...

- Morreu!...

Os menos críticos saíram dali exultante com a herança folclórica de Judas e os mais exigentes, os espíritos menos desarmados, saíram lamentando o tempo perdido, particularmente, eu fiquei entre os menos críticos... Gostei dos assovios dos moleques, dos apupos, das brincadeiras, do chabu das bombas, do desembaraço da testamenteira, e, do estribilho: “Judas morreu?...” , “Morreu!...”

Se Judas Iscariotes permanece no imaginário popular o vilão mais odiado da história humana, é problema dele, também, não assino embaixo nas afirmações gnósticas dos cainitas de que Judas foi o grande mocinho e não vilão do cristianismo, pois se não fosse Judas Iscariotes, Jesus Cristo não teria se libertado do corpo

corruptível e ressuscitado no terceiro dia em espírito, portanto, são conjecturas e mais conjecturas que só o tempo trará a verdade, por enquanto, prefiro alimentar a voz da morena da praia na minha mente:

- Judas morreu!?
- Morreu!!!
- Não teve o que deixar, deixou muitos livros para “seu” Rilvan estudar!
- Judas morreu!?
- Morreu! Morreu! Morreu!...

### **Suor, cacau e sangue. R. Santana**

O suor gotejava do rosto de Tote, o pé de jaqueira projetava boa sombra, mas o sol a pino queimava o dia. Tote não montou emboscada ali por acaso, Manduquinha teria que passar por aquela vereda pra chegar à sede principal da fazenda Camacã. Além dos galhos de jaqueira servirem de um bom mirante, por detrás da árvore, havia um outeiro que dava pra mata fechada e lhe protegeria das balas do tiroteio. Não era medroso, mas todo cuidado era pouco no trato com Manduquinha, pois o filho mais velho de Dr. Armando Alvarez e Alvarez, rosnava valentia e não se desgrudava de parabelum, de capangas, e, o mais temido era Manuel das Onças.

Não armou tocaia só, levou também o negro Firmino que lhe era fiel como um cão e lhe ajudava tocar a burara Santa Fé e contratou alguns homens. O negro Firmino não era moço, mas de meia idade, os cabelos pouco e pouco encaneciam... Tote lhe gozava com o dito popular de que “negro quando pinta tem três vezes trinta”. Ele não bebia nem fumava, ainda forte como um touro, de pouca conversa, aliás, de nenhuma conversa com desconhecido, os mais velhos diziam que o negro já havia mandado mais de 30 pra São Pedro. Gostou de Tote desde que o patrão chegou fugido de Sergipe e comprou as terras da futura burara Santa Fé. Ambos eram unha e carne, se Tote fosse negro, os estranhos os tomariam por pai e filho.

Filho de família sergipana abastada, Tote fugiu de Simão Dias por vingar o assassinato de seu pai por um vizinho de malhada e homiziou-se nas terras do cacau do Sul da Bahia. O seu pai sentiu-se no prejuízo com o gado do vizinho que aproveitou um buraco na cerca de sua propriedade, comeu o milharal e pisoteou a roça de fumo. O pai de Tote exigiu indenização do vizinho, que não lhe pagou o prejuízo e lhe tirou a vida. Tote arrumou a vida dos irmãos e da mãe, pegou sua herança e quando ninguém

lembrava mais do crime, vingou a morte de seu pai – acabara de completar 25 anos de idade.

Quando Tote comprou as 40 hectares de mata, às margens do rio Pardo, no ano de 1941, não muito longe de Vargito, distrito de Canavieiras, não encontrou um pé de cacau, mas pequi, Jacarandá, peroba, jequitibá, pau-brasil, cedro, ipê e outras espécies menos valiosas. Ele derrubou mata, cabrocou a terra, “coivarovou” (não gostava de queimadas, a coivara apodrecia com o tempo), fez chácara, plantou aipim, mandioca, bananeira, feijão, milho e 25 tarefas de cacau, além disto, construiu casa de taipa e antes mesmo do primeiro fruto de cacau, improvisou barcaça de madeira e zinco.

Nos dois primeiros anos, Tote e o negro Firmino, comeram o pão que o diabo amassou, pouca coisa eles compravam em Vargito (farinha, toucinho, azeite de dendê, sal, querosene, fósforo, sabão massa e pó de café), a roça e o rio Pardo lhes davam quase tudo. Não havia uma semana que o negro Firmino não salgasse um tatu, uma capivara, um preá, ou, enchesse os samburás de peixe.

O doutor Armando era experto em caxixe dizia o povo e fez uma fortuna colossal, colhia mais de 30.000 arrobas/ano de cacau, afora as fazendas de gado. O velho não era dado a jagunço, tudo começou com Manduquinha que após perambular na noite e nas faculdades de Rio de Janeiro e São Paulo, voltou pra casa sem diploma e cheio de más intenções.

Foi no retorno de Manduquinha que começaram os problemas de Tote (a Santa Fé ficou ilhada com o avanço das terras da fazenda Camacã), principalmente, por ter recusado proposta do herdeiro do doutor advogado para integrar o seu séquito:

- Tote, quer trabalhar comigo?
- Manduquinha, a Santa Fé não deixa...
- Por falar em Santa Fé, meu pai dobra o valor que lhe fez!
- Por favor, diga ao seu pai que nem pelo triplo!
- Então, trabalhe pra mim que irei tirar essa ideia do velho!
- Fazer o quê?
- Na minha segurança!

- Em sua segurança, Manduquinha? Quem irá tocar num fio de cabelo do filho de Dr. Armando Alvarez e Alvarez? Só se for doido! – deu uma risada gostosa que deixou Manduquinha desconcertado.

- Não brinque rapaz!
- Estou falando sério, quem ousará lhe fazer o mal!?

- Não é bem assim rapaz, a fazenda Camacã, hoje, é um mundo de grande, tivemos que mexer com muitos posseiros, tem gente que vende seu pedacinho de terra numa boa, mas outros resistem ao nosso projeto de expansão, aí tivemos que endurecer...

- Mas Manduquinha, ninguém é obrigado vender o que é seu! – provocou.

- Tote, meu pai tem o título de mais 2000 hectares, desde o Vargito e muito além do Rio Pardo, posseiro não é dono de terra, não tem escritura, é um invasor de terras alheias!!! – irritado.

- Desculpe-me, eu não entendo de posseiros... – Manduquinha continuou:

- O posseiro é um aproveitador, invade nossa terra, planta aipim, mandioca, bananeira, faz uma horta no fundo da choupana, depois quer cobrar o dinheiro de uma fazenda!

- Manduquinha, já lhe pedi desculpa. Eu não entendo de posse nem de posseiro, é coisa de tabelião e de doutor advogado!...

- Tudo bem Tote, deixemos esse negócio pra lá, porém, o convite está de pé, vai ou não trabalhar pra mim?

- Eu não tenho jeito nem coragem pra essas coisas...

- Deixe de ser modesto, rapaz! Eu soube que tu és um ás no gatilho, derruba uma araponga no vôo e valente como um cão de raça!

- O povo exagera...

Tote não aceitou de forma alguma trabalhar para os Alvarez. Manduquinha desiludido de contar com a arma do rapaz, contratou a peso de ouro o pistoleiro Manuel das Onças. Manuel das Onças, além de valente, atirava com perfeição, papa-cria e malvado, suas histórias eram de arrepiar cabelo de defunto... Contava-se que certa feita, um dos seus asseclas comeu uma de suas filhas, ele matou o cabra-de-peia aos pedacinhos, começou pelos ovos.

Manduquinha não podia peitar Tote como os posseiros, seu pedaço de terra havia sido comprado antes dos avanços da fazenda Camacã, escriturada e registrada no cartório de imóveis de Canavieiras, documento nos conformes, a saída legal seria a compra superfaturada da Santa Fé se ele resolvesse vendê-la, mas Tote estava tomando gosto na produção de cacau que começava vender nos armazéns de Itabuna ou nos armazéns da família Kaufman em Ilhéus.

Porém, com recusa de Tote à proposta de Manduquinha de fazê-lo chefe dos jagunços, passou ser retaliado: primeiro, com dificuldade no escoamento de seu cacau,

Manduquinha proibiu os animais da burara Santa Fé, passarem por suas terras até Vargito; depois, sua burara foi assaltada, queimaram a barça, não queimaram suas roças de cacau porque era crime repudiado por todos e foi salvo do atentado, graças, ele e Firmino estarem pescando no rio Panelão.

Por isso, Tote resolveu acertar contas com o filho de Armando Alvarez e Alvarez. Não deu queixa à polícia de Canavieiras, medida inútil, além de não ter provas contra seu desafeto, sua palavra pouco significava diante do prestígio político e riqueza de Manduquinha. Na casa do sem jeito, pensou lhe tocaiar, antes de nova investida... Traçou todos os planos. Estudou os pontos fracos e fortes do seu inimigo, repassou-os, concluiu que não seria fácil, pois o número de capangas que escoltava Manduquinha era grande, sem falar em Manuel das Onças que valia pelos demais em astúcia e maldade, então, o negro Firmino lhe foi providencial:

- Pur qui o sinhô num cuntrata os pusseros qui ile expussou? – foi a faísca que faltava na cabeça de Tote, mas ponderou:

- Será que podemos confiar nessa gente, Firmino?

- Dexe cumigo! – assim foi feito.

O suor gotejava do rosto de Tote mais do que os outros, o calor abafado era terrível. Ele e os demais minaram o chão de armadilhas num raio de 50 metros. Tote ficou encarregado de Manuel das Onças, seria o tiro primeiro, se falhasse, Firmino completaria o serviço, não era pra matar Manduquinha, havia um homem especialista em laço, a ideia era laçá-lo e lhe puxar de cima do cavalo para um lugar seguro, vivo valia uma fortuna, morto seria pasto de urubus antes que a família chegasse.

A surpresa vale por um batalhão. O olheiro escanchado no mais alto galho do velho Jequitibá assoviou como um curió (era o sinal, eles foram vistos), todos ficaram apostos com o dedo no gatilho de suas carabinas e Tote se encarregou do primeiro tiro. Às 15:40 horas, Manduquinha e seus capangas caíram na toca do leão.

O bando foi surpreendido, os jagunços e Manduquinha galopavam relaxados, assoviando e cantando, Manuel das Onças foi o primeiro, o balaço trespassou-lhe o coração, um tiro impecável... Manduquinha foi laçado e puxado do cavalo, antes que o tiroteio tomasse gosto. O bando instintivamente tentou recuar de maneira logística, mas todos estavam cercados pelo fogo das carabinas, além disto, foram surpreendidos com várias armadilhas: buracos cobertos de galhos, tábuas de prego, cordas esticadas no caminho... Foi uma carnificina, do lado dos jagunços não sobrou ninguém pra contar história, um posseiro foi atingido e morto.



Manduquinha foi feito prisioneiro, escreveu para que seu pai lhe socorresse, indenizou como devia meia dúzia de posseiros, comprou a burara de Tote pelo triplo do valor e jamais esqueceu a lição enquanto vida teve.

Tote, Firmino e os posseiros desapareceram das terras do Sul da Bahia.

**João Victor  
R. Santana**

Branco, cabelinhos castanhos, enrolados atrás da cabeça, bracinhos rechonchudos, perninhas quase cambotas, três dentinhos rompendo a gengiva superior, dois dentinhos rompendo a gengiva inferior e 10 meses de nascido. Para os desconhecidos, João Victor de Santana Barbosa, para os mais íntimos, Vitinho, para mim, avô coruja: meu Príncipe, meu Pituquinha.

Pituquinha está na fase de descobertas, descobriu que andar é melhor do que ficar no colo, descobriu a liberdade, se estica todo pra descer até que o coloquemos no chão. Ainda não se aguenta nas pernas, não possui o equilíbrio das crianças maiores, sai cambaleando, igual ao bêbado de Chaplin, agarra-se no sofá, no freezer, na geladeira, no pé da mesa e quando lhe ofereço ajuda, ele rejeita, com linguagem que aprendi a entender:

- Nhan... nhan... nhan... – já sei que é “não”, “me deixe”, “quero andar sozinho...”

Gozo de prazer, falo para os meus botões: “o pimpolho tem personalidade”, “é independente”, “não será um banana”, “é nordestino”, “é cabra da peste”, “Macho com eme maiúsculo”, “não é machochô, tchê!” Porém, quando lhe ofereço algo que lhe agrada: uma maçã ou um pedaço de pão ou um pão-de-ló, ou um pedaço de bolo ou um iogurte, ele abre sua linda boquinha e pede imitando a música de Thaeme e Thiago:

- Thá... thá... thá... – mais compreensível fica quando lhe mostro a fotografia do seu pai:

- Pa... pa... pa... papá... papá! – ou de sua mãe:

- Ma...ma...ma...ma... mamã... mamã! – o moleque só fala certinho, quando fala de si mesmo:

- Nenê... nenê... nenê!

Mostro-lhe o banner do avô e da avó e repito uma dezena de vezes:

- Vovô... vovô... vovô... vovô! – então:

- Vovó... vovó....vovó... vovó! – mas quem disse que o safadinho atende ao vovô? Olha para o pôster do pai e da mãe mais acima:

-Pa... pa... pa... ma... ma... ma... papá... mamã!!! - não me incomodo com a rebeldia do meu Pituquinha, fico feliz.

Não sei se fosse rico, faria com João de Santana Barbosa, o que Joseph Patrick Kennedy fez com os filhos John Kennedy e Robert Kennedy: - desde cedo os preparou para ser presidente dos Estados Unidos e ainda teve a ventura de vê-los no Senado e na Casa Branca. Não que eu tenha ojeriza à política e aos políticos. Atualmente, é politicamente correto quem malha os políticos, não se separa o político ruim do bom político, todos têm o mesmo estigma de improbidade, cada vez mais se diminui o prestígio político dos políticos, mas que seria do povo se não houvesse ninguém para administrar as coisas do estado? Os interesses do povo? Seria um estado de anarquia! Ruim com eles, pior sem eles...

Aristóteles foi sábio quando disse que “o homem é um animal político” no sentido mais expressivo da palavra, portanto, não existe restrição de meu Príncipe vir a ser político, o importante, é que em qualquer lugar que a vida lhe reserve, ele esteja feliz e faça os outros estarem felizes.

Leitor amigo, deixemos os prolegômenos, de conversa mole, e, partamos para os finais como diria Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira e voltemos falar de meu Pituquinha que neste momento encontra-se de sono solto... E, de vigília, eu observo cada riso que ele faz e recorro-me da velha Maria portuguesa que noutra situação parecida, dizia: “Patrãozinho, ele está a sonhar com os anjos”.

No dia 29 de agosto de 2012, o meu Príncipe fez 10 meses que veio ao mundo, e, justamente neste dia, começou andar de verdade, antes, ele puxava-me pelo dedo e saíamos a caminhar ou fazíamos da andadeira suas pernas. Não anda mais como o bêbado de Chaplin, que cai aqui e cai acolá, mas firme percorre todos os cantos da casa com muita alegria – apenas, temos que ter cuidado com os batentes.

Filho é um pedacinho da gente, um presente de Deus, mas o neto é o amor maior, a sublimação da existência, o prazer da vida e a doçura da velhice. Não trocaria o prazer de brincar com João Victor, sentados no piso da minha sala ou lhe escanchando no ombro, trotando como um cavalinho, por um prêmio da sorte grande porque o dinheiro ao invés de prazer e momentos de felicidade, o dinheiro me traria preocupação e tormento, portanto, é melhor o prazer de ouvi-lo choramingando dizer:

- Nhan... nhan... nhan... nhan!... – ou pedir cantando:
- Thá... thá... thá... thá!... – então, clamar por seus pais:
- Pa... pa... pa... ma... ma... ma... papá... mamã!!!

### **A lagartixa de João Victor R. Santana**

O meu Pituquinha, agora, é homem, “vovô, eu sou homem!”, então, “vovô, eu sou macho!” rio pra me acabar, o fedelho tem 2 anos e um mês de idade, mas já tem ranço de “machão”, cismou com uma lagartixa que a partir das 18:00 horas, sai de sua “casa” e fica passeando na parede da nossa antessala, quando nos aproximamos, ela volta de onde veio. Não é como a lagartixa de Kafka em “Metamorfose”, que das frestas do seu quarto acompanhava o movimento de sua casa e dos seus familiares. É uma lagartixinha que mede uns 7 ou 8 centímetros da ponta do rabo às ventas e que parece conhecer João Victor, pois fica toda serelepe quando ouve sua voz infantil, ele grita: “bichinho vem cá!!!”, aí, a lagartixinha vira a cabecinha pra um lado e pra outro, os seus olhinhos esféricos olha-o de cima pra baixo e com o rabinho abanando vai situar-se noutra lugar, mas não lhe perde de vista.

Não poucas vezes, nesse horário, estou sentado na poltrona diante da TV, alquebrado do dia a dia, quando meu Pituquinha puxa-me à força para ver a lagartixinha e na casa do sem jeito obedeço: “levanta, vovô!”, lá vou eu até a antessala e de mão espalmada bato na parede e repito as ordens de Vitinho: “vem cá bichinho!”, “vem cá bichinho!”, “vem cá bichinho, João Victor quer lhe falar!”, mas a lagartixinha não vem, fica só de olho... Doidice? Não, inocência!

Vitinho andou cedo, mas a fala demorou um pouco mais, quando tinha 10 meses, sua linguagem não passava de: “nhan”, “papá”, “mamã”, “vô” e “Vavá”, depois da brinquedoteca, são flagrantes o seu desenvolvimento físico, afetivo e intelectual. Hoje, ele está mais desinibido, fala que só um papagaio e expressa com clareza sua vontade:

- Vamo pu pu vovô? – um convite ao pula-pula, então, quando ele quer sair de casa:

- Pissear, vovô! Pissear vovô! Pissear vovô!... – quando sua avó não se encontra, ele pergunta pelo nome:

- Cadê Vanda, vovô? Vanda saiu! Vanda saiu! Vanda saiu!... – ou, quando o pai ou a mãe não se encontra:

- Cadê papá John!? Cadê papá John!? Cadê papa John!?... – ou,

- Cadê Anne!? Cadê Anne!? Cadê Anne!? – Se a situação é de medo ou de risco...

-Vavá, o véio pega! Vavá, o véio pega! Vavá Vanda, cadê o véio? O véio sumiu!...

- Vovô, fogo! O fogo queima! Vovô, o fogo queima!!!

Vitinho repete o tempo todo, as músicas da escolinha, com arte e afinação de gente grande:

- Macha Sodado/ Cabeça de papé/ Se não machá direito/ Vai preso por quarté/ O quarté pegou fogo/ A poliça deu siná/ Acorda acorda acorda/ A bandera nacioná...

Sua coreografia de marcha encanta a todos. Mas, quando a cantiga é meu lanchinho, sua arte de dizer é mais apurada, acho que ele canta com o estômago:

- Meu lanchinho, meu lanchinho / Vou comer, vou comer / Pra ficar fortinho / pra ficar fortinho/ E crescer! E crescer!!!

A lagartixinha de meu Pituquinha está cada vez mais saída. Ela não se contenta passear só na parede principal, ela percorre as quatro paredes da antessala com movimento e perspicácia, às vezes, quase lambe o dedinho de Vitinho que se espicha nos degraus da grade para tocá-la, mas a danadinha quando percebe que sua presença está próxima, abana o rabinho e foge pela frincha do forro, aí, João Victor me puxa pelo braço e determina que eu bata na parede com a mão espalmada e torne chamar a ingrata da lagartixa pelo nome de “bichinho”:

- Desce bichinho! Desce bichinho! Desce bichinho! Desce que João Victor quer lhe falar! – a safadinha lhe faz pouco caso e sobe ainda mais, lá de cima parece lhe desafiar:

- Venha me pegar menino bonito! Venha me pegar menino bonito! Venha me pegar menino bonito!... – Vitinho parece que lhe entende:

- Pega bichinho vovô! Pega bichinho vovô! Pega bichinho vovô!...

## João Victor e o mundo encantado

R. Santana

Eu estive 15 dias no mês de maio com João Victor em Salvador. O pituquinha me surpreende cada dia que passa. Agora, com 2 anos e 8 meses de idade, ele fala as coisas explicadas, não fala mais “nhan”, “papá”, “mamã”, “vô” e “vavá”, mas “não”, “papai”, “mamãe”, “vovô” e “vovó”. Ainda não deixou de usar fraldas, não chegou ainda o seu tempo, mas um dia ele se libertará desse incômodo vestuário de fazer xixi e coco.

Hoje, meu pituquinha está mais sabido, assim que acorda, toma banho, bebe o seu “gagau”, vai para o playground do edifício brincar de velotrol ou de moto movida à bateria elétrica, senão, aperta o play do seu DVD e vai ouvir e ver **patati patatá, galinha pintadinha, borboletinha, dona aranha, ou, o sapo não lava o pé**, quando enjoa, ele pede-me, aliás, ordena que eu ligue o notebook:

- Vovô, Lepo Lepo!.. – aí ele dança igual às meninas de Psirico, se eu não reconhecesse que sou vovô babão, diria que dança melhor do que as meninas de Márcio Victor.

Porém, o xodó de João Victor, atualmente, são as histórias do mundo encantado, principalmente, as fábulas infantis adaptadas pelos Irmãos Grimm, dentre elas, “Chapeuzinho Vermelho”, não a história de “Chapeuzinho Vermelho” contada pelos bardos na Idade Média, sem autoria definida, onde o lobo mau comia todo mundo, mas a história atual preocupada com os animais em que o lobo mau é poupado pelo caçador, inclusive, ele dá-lhe remédio para curar sua dor de barriga causada pelo bolo que “Chapeuzinho Vermelha” levava na cesta para vovozinha.

Li, sem exagero de contador de histórias, o livro infantil de “Chapeuzinho Vermelho” dezenas de vezes, quando menos esperava, meu pituquinha, ordenava: “leia mais, vovô!”, eu começava: “Em um vilarejo perto da floresta morava uma menina com sua mãe, seu nome era Chapeuzinho Vermelho”, recomeçava na outra página: “Certo dia sua mãe falou, Chapeuzinho vai levar esta cesta de bolo e este remédio, sua vovozinha está doente e fraca, mas cuidado, não fale com estranhos.”

A história continua, “Chapeuzinho Vermelho” vai serelepe pela floresta, de repente, encontra o lobo que lhe pergunta aonde ia, ela o despista e vai colher flores, então, o lobo mau corre à casa da vovó, tenta lhe agarrar, a vovozinha foge e se esconde no guarda-roupa, enquanto isso, o lobo mau se empanturra com o bolo da vovozinha e

tem uma tremenda dor de barriga. “Chapeuzinho vermelho” pede socorro ao caçador que ao invés de socorrer-lhe, socorre primeiro o lobo que está com forte dor de barriga, o lobo fica curado e devolvido para floresta, enfim, todos ficaram salvos e felizes.

Se a leitura ocorre no início da noite, quando as pálpebras de João Victor teimam não fechar, eu imploro ao deus Morfeu para que ele permaneça mais algum tempo acordado, então, provoco-o com versos populares que a minha querida tia Celsa gosta de declamar:

- Vitinho, fale rápido e ganhe um pirulito!!! – aí ele desperta.

- Falar, vovô!?

- Sim, preste atenção! – a custo, ele fica todo ouvido:

- Quem a paca cara compra, paca cara pagará! – Vitinho tenta:

- Que cara... cara...paca...paga... – compreende o seu erro e cai na gargalhada...

- Ah ah ah ah ah... – Vitinho fica contagiado com minha risada e quer repetir, mas lhe joga outro verso:

- Uma velha atrás da moita, estirou uma perna e encolheu a outra. Uma velha atrás da moita, estirou uma perna e encolheu a outra. Uma velha atrás da moita, estirou uma perna e encolheu a outra... – repeti várias vezes para que pituquinha entendesse, mas não gostou:

- Vozinho, é feio, a outra... – entendi:

- Quem a paca cara compra, paca cara pagará. Quem a paca cara compra, paca cara pagará. Quem a paca cara compra, paca cara pagará... – João Vitor tenta:

- Paca cara... cara pagará...paca... paca... – Vitinho se atrapalha mais uma vez como era esperado... Ele olhou para mim, eu olhei pra ele e caímos na risada:

- Vovô maluco, vovô maluco, vovô maluco... – fugiu para cama e alguns minutos depois, estava nos braços de Morfeu de sono solto.

Certamente, a felicidade não está nas grandes realizações humanas, mas nos gestos e inocência dos pequeninos.

**FIM**

## **DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR:**

Nome: Rilvan Batista de Santana

Natural: Lagarto (SE)

Licenciado: Filosofia/Matemática Pós-Graduado: Psicopedagogia

Professor: Aposentado

Endereço: Cosme Damião, 69, São Caetano – Itabuna (BA) / CEP 45607- 030

E-mails: rilvan.santana@yahoo.com.br

b.santana61@gamil.com

Licença: Creative Commons

